

Estrada Real: poética,
memórias e narrativas de um
livramento do rio de contas





UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

FABRÍCIO DIAS MEDEIROS

**ESTRADA REAL: POÉTICA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE UM
LIVRAMENTO DO RIO DE CONTAS**

Salvador

2025

FABRÍCIO DIAS MEDEIROS

**ESTRADA REAL: POÉTICA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE UM
LIVRAMENTO DO RIO DE CONTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade
Federal da Bahia, como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Linha de Pesquisa: Processos Criativos em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Bezerra de Albuquerque

Salvador

2025

M488 Medeiros, Fabrício Dias.

Estrada Real: poética, memórias e narrativas de um livramento do rio de contas. / Fabrício Dias Medeiros. - - Salvador, 2025.

134 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Bezerra de Albuquerque.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV) - - Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes, 2025.

1. Artes Visuais. 2. Estrada Real. 3. Memória. 4. Vestígios. I. Albuquerque, Ricardo Bizerra. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Belas Artes.
III. Título.

CDU 7.036

Elaborado por Lêda Maria Ramos Costa - CRB-5/951



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

FABRÍCIO DIAS MEDEIROS

**ESTRADA REAL: POÉTICA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE UM
LIVRAMENTO DO RIO DE CONTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ricardo Bezerra de Albuquerque - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Doutor em Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil

Prof. Dr^a Ines Karin Linke Ferreira – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Doutora em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil

Prof. Dr Elson de Assis Rabelo - Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e PPGAV/UFBA
Doutor em História, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil

Prof. Dr^a Sarah Hallelujah Vicentini de Sampaio – Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)
Doutora em Poéticas Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Aprovado em 02 de maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

Sem a ajuda valorosa de inúmeras pessoas essa caminhada não seria possível, pois muitos são os caminhos e grandes os desafios. Sou muito grato pelas amizades, gestos de afeto e companheirismo das pessoas que conhecia e que passei a conhecer durante esse processo.

Agradeço ao meu pai, Valdivan Silva Medeiros, à minha mãe, Belarminda Conceição Dias, e ao meu irmão, Douglas Dias Medeiros, que apoiaram e acreditaram nos sonhos de um menino que queria ser artista, mesmo sem compreenderem os caminhos dessa estrada.

Aos meus primeiros professores de artes, Miguel Bartilotte e Flor Liberato, no Atelier Flora Violetta Artes, onde me vi artista e dei os primeiros passos de minha carreira.

Ao meu orientador, Prof. Ricardo Bezerra, pelas orientações, risadas e afeto.

Aos membros da banca, Prof. Elson Rabelo, Prof. Ines Linke e Prof. Sarah Hallelujah, pelas inestimáveis contribuições na realização desta pesquisa.

Ao Prof. Raoni Gondim, que foi uma das primeiras pessoas a ler e contribuir para esta pesquisa.

Agradeço também a Maya Fernandes, Ana Carolina, Lia Krucken e Almir Brito, pelas críticas e sugestões primorosas na elaboração do livro de artista.

Ao Prof. Evandro Sybíne, por sua grande generosidade em acolher até mesmo as ideias mais mirabolantes.

À Prof. Ana Santana, por compartilhar comigo sua paixão pela geologia e por me ensinar sobre rochas, minerais e outros seres da Terra.

Aos participantes dos projetos de extensão, pelas experiências e saberes compartilhados: Ailton de Jesus Pinheiro, Ana Santana, Belarminda C. Dias Medeiros, Cleisson Victor Santos Souza, Douglas Dias Medeiros, Edilson

Miranda Silva, Gustavo Henrique O. de Medeiros, Jadson Alcantara Cordeiro, Johnson Evangelista M. Oliveira, Julio Pereira Maia Neto, Lucas Júlio de Souza e Paulina Neves Brito Pinheiro.

Aos trabalhadores do IPHAN, do Arquivo Público e da Biblioteca Municipal de Rio de Contas (BA), pela acolhida e pelo auxílio a um jovem pesquisador.

Agradeço também a todos(as) os(as) autores(as) e artistas citados nesta pesquisa, que, com seus conhecimentos e trajetórias, enriquecem a arte e a ciência do Brasil e do mundo.

A esta terra querida de Livramento de Nossa Senhora (BA), um verdadeiro livramento em meio ao sertão. Cidade que abriga minha existência neste mundo e onde repousa minha ancestralidade.

À minha companheira de todas as caminhadas da vida, Victoria Pitta, pois, como dizia Guimarães Rosa: "Os outros eu conheci por ocioso acaso. A ti vim encontrar porque era preciso."

A todos os professores, colegas e colaboradores que compõem a comunidade da Universidade Federal da Bahia e a Escola de Belas Artes, que considero minha segunda casa nesta terra de São Salvador.

Por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, que acolheu esta pesquisa, e à CAPES, enquanto instituição que fomentou e financiou este trabalho, meu muito, muito obrigado!

RESUMO

A partir de caminhadas pela Estrada Real da Bahia, trecho que liga os municípios de Livramento e Rio de Contas (BA), coleto “vestígios”, materialidades que são utilizadas na construção de uma pesquisa poética em artes visuais. A presente pesquisa busca investigar as memórias do território, numa perspectiva da memória como algo dinâmico e não como uma reprodução do passado, mas uma construção que pode ser reelaborada a partir das experiências dos indivíduos. Nessa construção poética, a memória ganha novas interpretações, questionamentos, formas e imagens, a fim de se tensionar e suscitar questões sobre o período colonial brasileiro e de como esse processo impactou e ainda impacta a vida social e ambiental do território. Essa construção se materializa no desenvolvimento de esculturas, instalações e vídeo-performances, num fazer artístico contemporâneo das artes visuais.

Palavras-chave: Estrada Real; artes visuais; memória; vestígio.

ABSTRACT

Through walks along the Estrada Real of Bahia, a stretch connecting the municipalities of Livramento and Rio de Contas (BA), I collect “traces,” material remnants used in the development of a poetic inquiry within the field of visual arts. This research seeks to investigate the memories of the territory, approaching memory not as a static reproduction of the past but as a dynamic construction that can be reworked through individual experiences. In this poetic construction, memory acquires new interpretations, questions, forms, and images, with the aim of creating tension and raising issues concerning the Brazilian colonial period and how that historical process has impacted and continues to impact the social and environmental life of the territory. This process takes shape through the creation of sculptures, installations, and video performances, as part of a contemporary visual arts practice.

Keywords: Estrada Real; visual arts; memory; trace.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto de mapa da Estrada Real entre os municípios de Jacobina (BA) e Rio de Contas(BA).....	28
Figura 2 - Foto de satélite com destaque em linha vermelha para o território da Estrada Real entre os municípios de Livramento (BA) e Rio de Contas (BA) pela Serra das Almas.....	29
Figura 3 - Foto de satélite em vista aérea, com destaque em linha vermelha para o território da Estrada Real entre os municípios de Livramento (BA) e Rio de Contas (BA).....	29
Figura 4 - Foto de fachada do Casarão dos Alcântara já interditada para demolição, Livramento (BA), 2022.....	35
Figura 5 - Fotos da demolição do Casarão dos Alcântara, Livramento (BA), 2022.....	35
Figura 6 - “Recriando memórias nº 2”, fotografia sobre alvenaria, 2,5 cm x 9 cm x 14 cm, 2022.....	37
Figura 7 - “Recriando memórias: apagamento V”, fotografia sobre bloco cerâmico, 3 cm x 10,5 cm x 10,5 cm, 2022.....	38
Figura 8 - “Recriando memórias nº 6”, fotografia sobre alvenaria, 6 cm x 9 cm x 7,5 cm, 2022.....	39
Figura 9 - Foto de Jatobá. Valérios/Livramento (BA), 2023.....	46
Figura 10 - Detalhe da mão do autor sobre o tronco do Jatobá. Valérios/ Livramento (BA), 2023.....	46
Figura 11 - Vista aérea da Barragem Luís Viana, Rio de Contas (BA).....	49
Figura 12 - Vista aérea do Perímetro Irrigado do Brumado, Livramento (BA)....	51
Figura 13 - “Banquete de migalhas”, Marcos Zacariades, instalação, 2014.....	55
Figura 14 - O artista tenta construir esculturas com galhos de jatobá na Estrada Real.....	56
Figura 15 - “Objetos vestígios”, casca de árvore e rochas, 2024.....	57
Figura 16 - O artista coleta galhos de árvores durante caminhada pela Estrada Real, 2024.....	57
Figura 17 - Vista da fachada do atelier, Livramento (BA).....	60

Figura 18 - Foto de alguns materiais coletados na Estrada Real, Livramento (BA), 2023.....	61
Figura 19 - Foto de detalhe da embalagem de armazenamento.....	61
Figura 20 - Foto Do artista Krajcberg ao lado de uma de suas esculturas.....	62
Figura 21 - Foto de rochas (metarenitos) e galhos coletados na Estrada Real, 2023.....	66
Figura 22 - O artista realiza experimentações com os materiais coletados, 2023.....	66
Figura 23 - Foto de satélite de trecho de trecho da Estrada Real, com destaque no mapa em um ponto vermelho, município de Rio de Contas (BA).....	69
Figura 24 - Monumento em homenagem a Sebastião Raposo, Rio de Contas (BA).....	70
Figura 25 - Intervenção artística. Grupo Ação, estátua de Borba Gato em São Paulo.....	72
Figura 26 - Print de dados obtidos no aplicativo Zeo Poxa Corrida durante caminhada pela Estrada Real (Livramento a Rio de Contas).....	73
Figura 27 - O artista costura os sacos que iram compor a instalação.....	76
Figura 28 - Mesa de processos, instalação e objetos, 2023, Galeria Cañizares – EBA/UFBA.....	77
Figura 29 - “Ensacar”, instalação e objetos, 2023, Galeria do Aluno –EBA/UFBA.	78
Figura 30 - “Observadores do tempo nº 1”; Escultura; Osso, madeira, rocha e fio dourado, 18 x 31 x 8 cm, 2023.....	80
Figura 31 - “Observadores do tempo nº 2”; Escultura; Urucum, jatobá, osso, madeira, rocha e fio dourado, 6 x 26 x 16 cm, 2023.....	81
Figura 32 - “Observadores do tempo nº 3”; Escultura; Madeira, rocha, vidro, água de rio e fio dourado, 6 x 32 x 15 cm, 2023.....	82
Figura 33 - “Observadores do tempo nº 4”; Escultura; Madeira, rocha, arame, urucum, jatobá e fio dourado / 9,5 x 33 x 20,5 cm, 2024.....	83
Figura 34 - “Observadores do tempo nº 5”; Escultura; Madeira, rocha e fio dourado, 22,5 x 14 x 10,5 cm, 2024.....	84
Figura 35 - “Observadores do tempo nº 6”; Escultura; Madeira, rocha e fio dourado, 33,5 x 10,5 x 8 cm, 2024.....	85
Figura 36 - “Observadores do tempo nº 7”; Escultura; Madeira, rocha, vidro, terra, osso e fio dourado, 48 x 31 x 17 cm, 2024.....	86

Figura 37 - Diagrama 1.....	87
Figura 38 - Diagrama 2.....	88
Figura 39 - “Objetos vestígios”, Estrada Real, 2023.....	91
Figura 40 - Experimentações realizadas como os materiais coletados, 2023.....	91
Figura 41 - Card de divulgação da exposição.....	92
Figura 42 - Detalhe das esculturas suspensas sobre os pedestais.....	93
Figura 43 - Conjunto de esculturas expostas.....	94
Figura 44 - Card de divulgação do projeto de extensão.....	99
Figura 45 - Participantes fazendo registros durante caminhada pela Estrada Real.....	99
Figura 46 - Participantes durante caminhada pela Estrada Real.....	100
Figura 47 - Diagrama da Abordagem Triangular de Ensino das Artes Visuais.....	103
Figura 48 - O brigadista Johnson e uma das crianças participantes do projeto plantam árvores na Estrada Real, Rio de Contas (BA).....	104
Figura 49 - Foto a esquerda de cartografia construída a partir do plantio das árvores pela Estrada Real, do lado esquerdo uma foto de uma das árvores, Livramento a Rio de Contas (BA).....	105
Figura 50 - Foto dos participantes durante momento recreativo na Cachoeira do Raposo, Estrada Real, Rio de Contas (BA).....	105
Figura 51 - Mosaico de fotos de performance realizada na Estrada Real, Livramento (BA).....	106
Figura 52 - Memória em suspensão, instalação artística desenvolvida em árvores da Estrada Real,Livramento a Rio de Contas (BA), 2024.....	107
Figura 53 - Qr code colados em árvores pela Estrada Real, Livramento a Rio de Contas (BA) 2024.....	108
Figura 54 - Lixo coletado durante as ações do projeto, 2024.....	108
Figura 55 - Vista frontal de instalação realizada durante o Congresso UFBA, 2024.....	109
Figura 56 - Mosaico de fotos de instalação realizada durante o Congresso UFBA, 2024.....	110
Figura 57 - O artista durante performance em trecho da Estrada Real, Livramento (BA), 2024.....	114
Figura 58 - O artista coleta em sua roupa os “vestígios de memória” do território, 2024.....	114
Figura 59 - Videoperformance Impregnar, 2024.....	115

Figura 60 - Mosaico de fotos do artista durante performance na Estrada Real, Rio de Contas (BA), 2024.....	117
Figura 61 - Videoperformance <i>Imperegrinação</i> ”, 2024.....	118
Figura 62 - “Notícias de América”, Paulo Nazareth, fotografia digital, 2011....	119
Figura 63 - “The Collector”, Francis Alys, 1990-1992.....	120
Figura 64 - Fotos de algumas sessões de exibição realizadas respectivamente nas cidade de Livramento e Rio de Contas (BA).....	122
Figura 65 - Fotos de vista frontal do livro e de página interior, 2023.....	128
Figura 66 - Foto de páginas no interior do livro, 2023.....	128

LISTA DE SIGLAS

APMRC	Arquivo Público Municipal de Rio de Contas
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
BA	Bahia
CBPM	Companhia Baiana de Pesquisa Mineral
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EBA	Escola de Belas Artes
GASA	Guardiões Ambientais da Serra das Almas
IGEO	Instituto de Geociências
PIBEXA	Programa Institucional de Experimentação Artística
PPGAV	Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
PROEXT	Pró-Reitoria de Extensão
SETUR	Secretaria de Turismo do Estado da Bahia
SP	São Paulo
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

Entre caminhar e coletar: uma introdução.....	15
1. Longe do mar: uma estrada em meio ao sertão.....	21
2. Recriando memórias.....	30
2.1 Memórias de Jatobá.....	42
2.2. Sr. Brumado.....	47
2.3 Uma pausa na caminhada.....	59
2.4 Sobre o ouro e seu sinônimo: a violência.....	67
3. O tempo e seus observadores: uma construção poética.....	80
3.1. Cartografia arte e memória	95
3.2 Ações arte educativas.....	101
3.3. (im)peregrinação.....	111
3.4 Impregnar.....	112
3.5 Peregrinar.....	116
3.6 O livro, as memórias e o artista.....	123
4. Fim da Estrada?.....	129
Referências	132

ENTRE CAMINHAR E COLETAR: UMA INTRODUÇÃO

O que é memória? Questiona o menino Guilherme Augusto Araújo Fernandes à Dona Antônia, personagem que nomeia o livro do escritor Mem Fox.

Essa pergunta é daquelas que só poderiam partir da curiosidade de uma criança que acaba pegando nós adultos de surpresa, e me fazendo pensar sobre minhas memórias da infância em Livramento de Nossa Senhora (BA), sobre me banhar nas águas do Rio Brumado e sujar de terra os pés nas caminhadas pela cidade, onde coletava objetos e os levava para casa, que criativamente se transformavam em brinquedos numa agregação de formas, materiais e texturas, quase como uma escultura. No início, um hábito de infância, que se transformou numa metodologia poética de pesquisa em artes visuais desde meu bacharelado em Artes Plásticas (2016/2021) na Escola de Belas Artes – UFBA.

Hoje, como Guilherme, estou à procura de memórias, não imaginárias, mas reais, em uma Estrada Real, objeto desta pesquisa. Mas estrada tem memória? Penso nele perguntando. Respondo que sim. Não só estradas, mas as pessoas, árvores, o rio e todos os outros seres que lá habitam.

Digo seres, pois certa vez ouvi em uma palestra o escritor e líder indígena Ailton Krenak dizendo da importância de nos relacionarmos com os seres da natureza, de chamá-los pelo nome e conversarmos com eles. Nesse sentido, durante a escrita deste texto dissertativo, irei me referir ao Rio Brumado como Sr. Brumado e às árvores como senhoras.

Dessa forma, esta pesquisa propõe a construção de uma poética visual, no sentido de *poésis*, palavra grega criada por Aristóteles no século IV a.C, que parte da ideia de um impulso humano que cria e da forma a novas realidades a partir de práticas expressivas e conceituais.

Assim, essa pesquisa tem como objeto de investigação as memórias da Estrada Real, trecho de 6 km que liga os municípios baianos de Livramento e Rio de Contas.

Nesta pesquisa a memória é pensada no seu sentido tanto histórico quanto social, quando pensamos em sua construção, transmissão e registro. Entendendo-a não como um amontoado de lembranças, mas que ela é dinâmica e dialoga com o presente, influenciado na forma como compreendemos o passado, como defende o historiador Walter Benjamin (1994), pois para ele a memória não é uma reprodução do passado, mas uma construção, que pode ser reelaborada a partir das experiências dos indivíduos.

Para essa investigação são realizados estudos históricos, transcrição de depoimentos, coleta de “vestígios” durante caminhadas, além das experiências vivenciadas por mim (artista/pesquisador), enquanto habitante do território.

Os vestígios coletados me permitem metaforicamente ampliar o conceito de análise da memória para todos os seres que habitam o território, exemplo das senhoras árvores e do Sr. Rio, no sentido de pensarmos eles como “observadores do tempo”, que guardam em suas materialidades as transformações ocorridas no espaço geográfico.

Interessante ressaltar que a palavra vestígio tem origem no latim, *vestigium*, que pode significar rastro, pegada ou sinal. Podendo ser definida como: “qualquer produto de agente ou evento provocador” (DOMINGUES JÚNIOR; OLIVEIRA; BESKOW, 2013). Sendo vestígios entendidos nesta pesquisa como: restos materiais, objetos, fragmentos, marcas e símbolos. Indicadores de alguma atividade ou ação passada, perpassando pela natureza física da matéria, abrangendo também o som e o ar, por exemplo. São esses vestígios que de forma poética me permitem investigar memórias, tecer relações, apontar contradições e levantar questionamentos, que ganham novas formas e conceitos na produção de trabalhos visuais em multilinguagens e técnicas, num fazer artístico contemporâneo, apresentado ao longo dos capítulos.

Importante também ressaltar a importância do caminhar para a metodologia desta pesquisa. Muito além de uma atividade cotidiana, sendo aqui entendido como um método de coleta de dados, possibilitando ao artista/pesquisador se posicionar como um observador atento do espaço, como uma antena que capta experiências e sensações. Sendo essa ação de andar um motor criativo para a investigação do território percorrido, na geração de caminhos e possibilidades para novas descobertas, pois “caminhar é encontrar”. (BARRO, 2005).

Baseando-se nas concepções de “A natureza do espaço” (SANTOS, 2002), esta pesquisa entende o conceito de território como um recorte do espaço geográfico, que não é inerte, mas dinâmico, se caracterizando por ser o resultado de processos históricos. Os conceitos apresentados por Milton Santos oferecem para essa pesquisa meios para poder refletir sobre como as transformações sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas moldaram o território onde está inserida a Estrada Real ao longo do tempo, além das implicações que esse processo traz para a vida em sociedade.

Essa construção poética citada anteriormente se dá numa “arqueologia visual”, uma analogia utilizada referente ao trabalho de coleta e escavação do arqueólogo, que se assemelha a metodologia utilizada na pesquisa poética. Que aqui é apresentada como uma forma de nomear esse processo de criação, pautado por três verbos:

1. Caminhar: método de exploração e deslocamento pelo território numa forma de apreensão de experiências e sensações, e também na geração de procedimentos e ações de pesquisa.
2. Coletar: procedimento de coletar materialidades do território para documentação e investigação.
3. Construir: ação de experimentar em ateliê/laboratório as diversas possibilidades de materialização poética, inspirados e influenciados por conhecimentos adquiridos anteriormente nas leituras e caminhadas.

Pesquisar sobre as memórias da Estrada Real é pesquisar também sobre suas histórias, digo no plural, pois é preciso ir além da narrativa colonial. É preciso conhecer as memórias dos primeiros povos originários, de outros pesquisadores, dos livros e porque não das senhoras árvores e do senhor rio?

Há também a história inviabilizada das centenas de povos escravizados que perderam suas vidas na extração do ouro, que banhou objetos não de riqueza, mas de sangue negro e indígena.

É esse olhar para o passado que nos permite perceber as contradições existentes no presente, onde assassinos são enaltecidos, vítimas são culpadas e histórias e vidas apagadas. “É preciso contar outras histórias, para além de uma história única estabelecida” (ADICHIE, 2009).

Em meio a essas andanças é que a maior parte destas páginas são escritas. Num roteiro livre baseado na memória e percepção de informações, sentimentos e sensações, despertados nestes momentos a pé. O uso da primeira pessoa na escrita deste texto dissertativo busca enunciar uma subjetividade afetiva para com o objeto, além de contribuir para construção da narrativa do texto que busca guiar o leitor por essas “caminhadas”, numa tentativa de transmitir essas experiências vivenciadas.

A narrativa aqui assume um papel extremamente importante, como também defendida por Walter Benjamin (1934), uma forma de acesso e preservação da memória, numa construção coletiva e cumulativa do saber.

Nessa “caminhada de pesquisa” alguns autores(as) fornecem um embasamento teórico/artístico precioso. No norteamento histórico como, Antônio Gilberto Costa e Francisco Lima Cruz Teixeira. Nas reflexões sobre território, colonização e ancestralidade, onde são apresentados conceitos discutidos por Milton Santos, Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), Chimamanda Ngozi Adiche e Davi Kopenawa. Em reflexões sobre processo criativo e pesquisa em artes, são referenciadas as professoras Cecília Salles e Sandra Rey. Além de artistas visuais como Frans Krajcberg, Marcos Zacariades, Paulo Nazaré e Francis Alys, cujas poéticas de pesquisa dialogam com as obras aqui desenvolvidas.

Esta pesquisa tem como objetivos a construção de uma poética visual, materializada em obras visuais, a escrita de um texto dissertativo e de um livro de memórias/livro de artista, livro esse que propõe ampliar essa construção poética na forma de uma publicação.

Diante de tantas questões apresentadas, esta dissertação se organiza em quatro capítulos. O primeiro tem caráter introdutório, onde é apresentada uma breve contextualização histórica, a fim de fornecer ao leitor um conhecimento prévio sobre o objeto desta pesquisa, que possa favorecer sua apreensão, entendimento e crítica. No segundo e terceiro capítulos são apresentados textos reflexivos em forma de ensaios visuais, escritos durante as caminhadas, além do processo criativo de construção das obras onde as discussões e conceitos são ampliados, se relacionando com a pesquisa de outros artistas e autores(as) de diversas áreas do conhecimento. Já o quarto e último capítulo é destinado às considerações finais.

1.0 LONGE DO MAR: UMA ESTRADA EM MEIO AO SERTÃO



1. LONGE DO MAR: UMA ESTRADA EM MEIO AO SERTÃO

Este capítulo pretende apresentar uma breve contextualização histórica sobre o território onde se insere o objeto desta pesquisa.

Essa narrativa não começará a partir do processo de colonização, mas por seus primeiros povos originários que habitavam a região.

Muito pouco se sabe sobre a história dos primeiros habitantes deste território da Chapada Diamantina. Os primeiros relatos escritos são de um colono português, Gabriel Soares de Souza, descrito no livro *Chapada, Lavras e Diamantes*:

[...] Baseado em informações colhidas em histórias de índios mais velhos, ele testemunhou que os Tupinambás, ocupantes da maior parte do litoral da Bahia quando da chegada dos portugueses, haviam descido da região do além São Francisco, expulsando os Tupinaés das bordas da Baía de Todos os Santos, obrigando-os a migrarem para o sertão, onde a sobrevivência era mais difícil. Os Tupinaés, por sua vez já haviam antes expulsados os Tapuias da mesma dadivosa região conquistada pelos Tupinambás. Com a expansão dos colonizadores pelo território Tupinaés e Tapuias foram se dispersando e se interiorizando cada vez mais. [...] (TEIXEIRA, 2022, p. 38)

Essa versão apresentada por Gabriel Soares tem sua veracidade questionada por apresentar informações que nunca foram comprovadas. Em outro trecho do livro Francisco Teixeira cita o livro “Guerra dos bárbaros”¹, onde o pesquisador Pedro Puntoni sugere que apesar de impreciso e genérico, o relato apresentado por Gabriel Soares encontraria respaldo em pesquisas antropológicas atuais.

Os Tupinambás são um povo que faz parte da família linguística Tupi-Guarani que inicialmente ocupava a faixa litorânea brasileira, tendo se espalhado por uma vasta área, que incluía desde o Rio São Francisco até o Rio da Prata. Tendo desenvolvido grandes habilidades em navegação, pesca e agricultura.

¹ PUNOTNI, 2002, p. 67-68.

Hoje, os Tupinambás ainda lutam pela preservação de sua cultura e território. Uma luta constante no enfrentamento ao preconceito e invasão de suas terras por grileiros e garimpeiros.

O projeto de colonização portuguesa requeria a ocupação e exploração do território, para o qual se fazia o uso da força e da violência em inúmeros conflitos entre portugueses e indígenas, cujo resultado era o aprisionamento e massacre desses povos. De início, a ocupação se concentrava no litoral e posteriormente foi se expandindo para o interior, estimulada pela descoberta de bens preciosos.

Desde o século XVIII a Coroa Portuguesa sentiu a necessidade de se criar caminhos por onde escoar ouro, prata e pedras preciosas, extraídas em grande parte no interior do Brasil e enviadas para os portos na capital. Sobre a criação das Estradas Reais, Antônio Gilberto Costa diz:

[...] Para evitar estes descaminhos do ouro e dos diamantes determinou o governo da metrópole que estes bens deixassem a região apenas por algumas trilhas ou caminhos, que a partir de então receberam a denominação de Estrada Real. Nos pontos em que as Estradas Reais cruzavam as fronteiras entre capitâncias foram construídos Registros para as necessárias cobranças de impostos. [...] (COSTA, 2009, p. 8-9)

Em 1713, o bandeirante Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, liderando uma numerosa expedição composta boa parte por escravizados, partiu de São Paulo com destino ao norte do Jequitinhonha. Subindo além de seu destino, depara-se com a nascente do Rio das Contas, na Serra do Tromba, onde em data imprecisa entre 1718 e 1719, encontra ouro em grandes quantidades, sendo-lhe atribuída a descoberta do ouro na região. O local, dito “descoberto”, já era ocupado por escravizados fugidos do naufrágio de um navio negreiro vindo da África próximo de onde é hoje a cidade de Itacaré (BA). Esses povos se estabeleceram na região, formando os chamados ‘Arraiais dos Negros’², que deram origem aos atuais Quilombos da Barra e Bananal.

² SANTANA, C. E. C. Processos educativos na formação de uma identidade em comunidades remanescentes de quilombos: um estudo sobre as comunidades de Barra / Bananal e Riacho das Pedras, no município de Rio de Contas-Ba. Salvador, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. 2005

Esses povos, que viviam livres na região, foram capturados e novamente submetidos a um regime de escravização por Sebastião Raposo, sendo obrigados a trabalhar na mineração e na construção das primeiras casas e da igreja. Os jesuítas que acompanham os bandeirantes deram à igreja a Invocação de Santo Antônio. Esse local passou a abrigar os brancos bandeirantes e suas tropas, passando a ser denominado de Freguesia de Santo Antônio do Mato Grosso, hoje povoado de Mato Grosso pertencente ao município de Rio de Contas (BA).

Em um artigo intitulado “O quilombo resiste” sobre as comunidades quilombolas de Riacho das Pedras, Barra e Banal, o jornalista Leonardo Sakamoto relata, com base nos depoimentos dos moradores mais velhos um pouco dessa história:

Bandeirantes chefiados por Raposo Tavares escravizaram os quilombolas, colocando-os para remexer cascalho. Não foram erguidas senzalas e os negros continuaram vivendo em suas terras enquanto foi erguida a vila de Mato Grosso para os brancos. Com a exploração, o ouro foi escasseando e as atenções se voltaram para o norte da Chapada, região de Lençóis, onde haviam sido descobertas jazidas de diamantes. Com isso a liberdade foi reconquistada, mas o preconceito e a discriminação continuou. (SAKAMOTO, 2000)

O preconceito e a discriminação descritos no trecho final da citação do artigo pode ser observada no fato da comunidade de Mato Grosso ser composta quase que majoritariamente por pessoas brancas, onde até pouco tempo atrás entre as famílias era proibida qualquer relação conjugal com os moradores das comunidades quilombolas da Barra e Bananal, a fim de se evitar a miscigenação, relato a mim descrito por Adriano Viana, descendente quilombola da comunidade do Bananal.

Hoje, quem visita essas comunidades percebe claramente que apesar do clima pacato os reflexos e marcas do processo de colonização ainda estão bem presentes na arquitetura, composição social e costumes.

A imagem de Sebastião Raposo é exaltada no município de Rio de Contas (BA), com direito a um monumento com mais de 2 metros de altura rodeado de flores, na praça central da cidade, mesmo tendo um passado e uma

história tenebrosos, como nos aponta Francisco Teixeira no livro Chapada: lavras e diamantes.

[...] De vida atribulada e desregrada, violento e sanguinário, possivelmente perseguido pelo Tribunal do Santo Ofício em São Paulo, Raposo ao ver as autoridades reais se aproximarem, atraídas pelas riquezas da região. Abandonou seu arraial e saiu zanzando pelos sertões da Bahia, Maranhão, Piauí e Ceará, chegando a Serra de Ibiapaba, onde veio a morrer assassinado, após uma revolta entre pessoas de sua bandeira, em 1720. [...] (TEIXEIRA, 2022, p.120-129)

Após a descoberta do ouro, um grande número de pessoas vindas de diversos lugares foi atraído para a região em busca de riquezas. A coroa portuguesa se mostrou extremamente preocupada com a extração do ouro e seu descaminho sem a devida cobrança de impostos.

O caos começa a se instalar, nem os governantes locais conseguiam executar as ordens da Coroa e a região foi tomada pela corrupção, violência e barbárie. Nem a proibição da mineração na região, que datada desde 1703 por Dom Pedro II³, resultou em efeito, Lei que foi revista pela Coroa Portuguesa em 1721.

Com uma mudança de postura política, já em 1720, a Coroa encarrega ao coronel Pedro Barbosa Leal a criação da Vila de Jacobina (1720) e a criação da Vila de Rio de Contas (1725)⁴, na tentativa de povoar a região o que possibilitaria a viabilidade da instalação dos órgãos estatais como guarda-mor⁵, tesouraria, escrivão, casa de câmara e cadeia⁶, entre outros. Com todo esse aparato, esperava a Coroa poder fiscalizar melhor a mineração na região, executando a cobrança de impostos, especialmente do quinto⁷. Sendo a cidade de Rio de Contas considerada a primeira cidade do Brasil a ser planejada.

Posteriormente a isso, o imperador convoca novamente Pedro Barbosa, o nomeando para uma nova missão, agora de abrir um caminho entre Jacobina e Rio de Contas⁸ (FIG; 01). Esse caminho foi construído com o uso de mão de

³ Carta Régia, 1703.

⁴ Original: APEB, Carta Régia, 1720. Fotocopia: AMRC

⁵ Oficial da Coroa Portuguesa responsável pela guarda das normas civis.

⁶ Sede administrativa e de justiça local.

⁷ Imposto cobrado pela Coroa Portuguesa sobre o ouro extraído, que correspondia a 1/5 do total.

⁸ Fotocopia de Carta Régia, APMRC. Original: APEB, Carta régia 1725.

obra de povos escravizados e concluído apenas em 1725. Com um total de 450 km de extensão, passando atualmente por 15 municípios da Chapada Diamantina. No projeto mais amplo, essa estrada interligaria as minas da Bahia à de Minas Gerais, num caminho oficial do sul ao nordeste da colônia, numa grande estrada comercial (Estrada Real).

O projeto Jacobina – Rio de Contas, financiado pelo Governo da Bahia através da Secretaria de Turismo do Estado (SETUR) e Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), que foi concluído em 2017, buscou identificar, mapear, georreferenciar e fotografar o trajeto histórico do eixo da ‘Estrada Real’ (Jacobina a Rio de Contas – BA), com o objetivo de se criar uma rota turística (Fig. 01). A pesquisa oferece um rico material histórico-geográfico que serve como fonte de consulta para estudos sobre o tema.

Dessa extensa estrada, o maior trecho calçado do Brasil, com cerca de 6 km de extensão, liga os municípios baianos de Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas, um trajeto íngreme pela Serra das Almas (FIG; 02), onde em seus pontos mais altos, pode atingir mais de 900 metros acima do nível do mar, sendo este o território onde se insere a presente pesquisa.

Por onde a estrada passava iam se formando vilas e povoados, dando origem a boa parte das cidades que hoje compõem a região. Numa expansão das ações de territorialização e interiorização, ampliando assim a soberania portuguesa no território invadido, que seria explorado cada vez mais.

Conforme dados obtidos pela pesquisadora Nanci Sanches (2008), em registros da Câmara da Comarca de Rio de contas, entre o ano de 1724 e início do século XIX, foram extraídas e enviadas à metrópole portuguesa impressionantes sessenta e dois mil duzentos e dezesseis oitavas⁹ de ouro.

No início do século XIX, o ouro, que antes era facilmente encontrado, começa a se esgotar e, com isso, a região passa por um grande declínio econômico, populacional e social. Boa parte da população começa a emigrar para trabalhar nas minas de diamante e ouro descobertas nos municípios de

⁹ Oitava era uma unidade de peso para ouro usada durante o período colonial. Sua unidade correspondia a cerca de 3,5859 gramas.

Mucugê, Andaraí e Lençóis (BA). Sem o ouro, outros mercados econômicos começaram a ser explorados, como serviços autônomos, incluindo ferreiros, serralheiros, latoeiros, entre outros. A agricultura também passou a ganhar mais destaque, baseada no cultivo de café, cana-de-açúcar, cereais e tubérculos.

A Vila das Minas de Rio de Contas, com isso, deixou de ser um local de extração mineral e passou a ser um ponto de passagem para outros centros de mineração, como Goiás, Mato Grosso e as Lavras Diamantinas, tendo a Estrada Real como seu caminho oficial.

Depois de mais de trezentos anos e atravessando quatro séculos, a escravidão teve seu “fim oficial” no dia 13 de maio de 1888. Contudo, os escravizados, agora livres, tornaram-se invisíveis no sistema político, sendo condenados à marginalização.

No interior do Brasil, especialmente nas terras sertanejas, o emprego era escasso e o preconceito predominava. O que restava aos libertos, na melhor das hipóteses, eram subempregos no trabalho rural ou na prestação de serviços. Sua presença era praticamente inexistente em todas as instituições públicas e privadas, especialmente em cargos mais elevados da administração.

Esse cenário contrastava fortemente com a realidade dos imigrantes europeus que chegavam ao Brasil, estimulados por políticas de imigração que lhes ofereciam melhores condições e oportunidades.

No final do século XIX encerrou-se o período monárquico com a Proclamação da República. Durante o mesmo período, a região enfrentou grandes estiagens, o que agravou a fome e a miséria. A população empobrecida, que dependia principalmente da agricultura e da manufatura, viu-se sem perspectivas. Essa falta de oportunidades resultou no aumento da migração para outros centros em busca de melhores condições de vida.

Esse período também foi marcado por grandes disputas entre os coroneis que dominavam a região, com destaque para o Coronel Horácio de Queirós Matos, que detinha a alcunha de o ‘senhor da Chapada’. Esses conflitos se

estenderam para outras oligarquias do estado, ganhando grandes proporções. O prof. Francisco Teixeira, assim descreve:

O que era, de início, uma briga entre famílias, em torno de terras e poder, torna-se uma generalizada disputa pelo território da Chapada Diamantina, que envolveu governadores em apoio aos coronéis enfrentados por Horácio, e o poder Federal, que interferiu visando a conter a crise. (TEIXEIRA, 2022, p. 526)

Esses conflitos contribuíram para intensificar ainda mais a crise social e econômica que já assolava a região, que via agora no fim da extração dos diamantes o ápice da crise. Com o tempo, a região iniciou uma reestruturação econômica, apostando no turismo e no agronegócio, especialmente na agricultura irrigada, como um caminho para retomar os tempos áureos de riqueza, mesmo diante das mazelas sociais herdadas desse período.

Na década de 1950, a Bahia foi impulsionada por uma política estatal desenvolvimentista. Um exemplo desse processo é a criação do Perímetro Irrigado do Brumado, que demandou a construção de uma barragem. As obras foram iniciadas em 1977, durante o período ditatorial brasileiro, e a barragem foi inaugurada apenas em 1989 pelo então presidente José Sarney, no município de Rio de Contas (BA).

A obra, de dimensão monumental, acumula polêmicas desde o início. No local escolhido para sua construção existia a comunidade quilombola de Riacho das Pedras, cujos habitantes foram removidos sem a devida indenização. Hoje, esse local, agora inundado, abriga a Barragem Luiz Vieira.

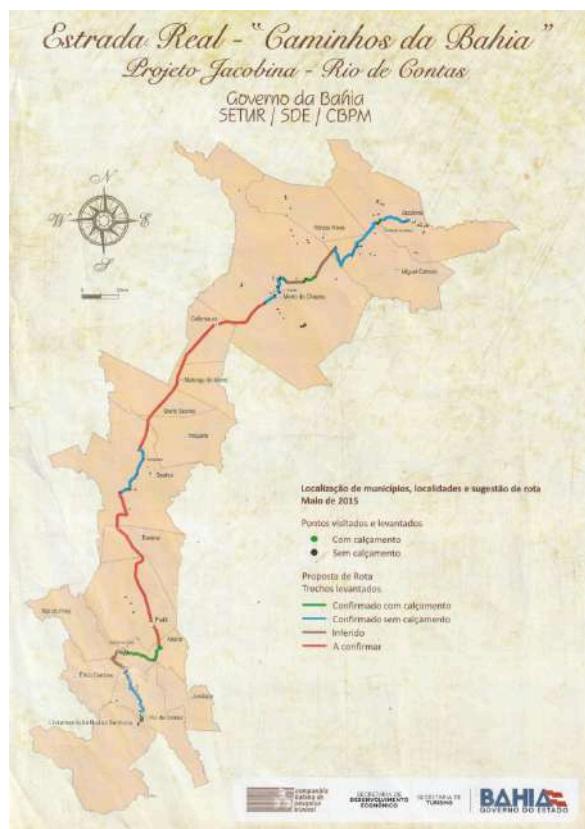
Como podemos notar, o olhar da exploração agora se volta para outra grande riqueza da região: seus recursos hídricos, formados por uma ampla bacia hidrográfica¹⁰ composta pelos rios de Contas, Brumado e das Furnas.

Com o perímetro irrigado, a agricultura na região começa a se desenvolver, e Livramento (BA) se torna um dos maiores polos fruticultores do país, com destaque para a produção de manga e maracujá.

¹⁰ Bacia Hidrográfica do Rio das Contas.

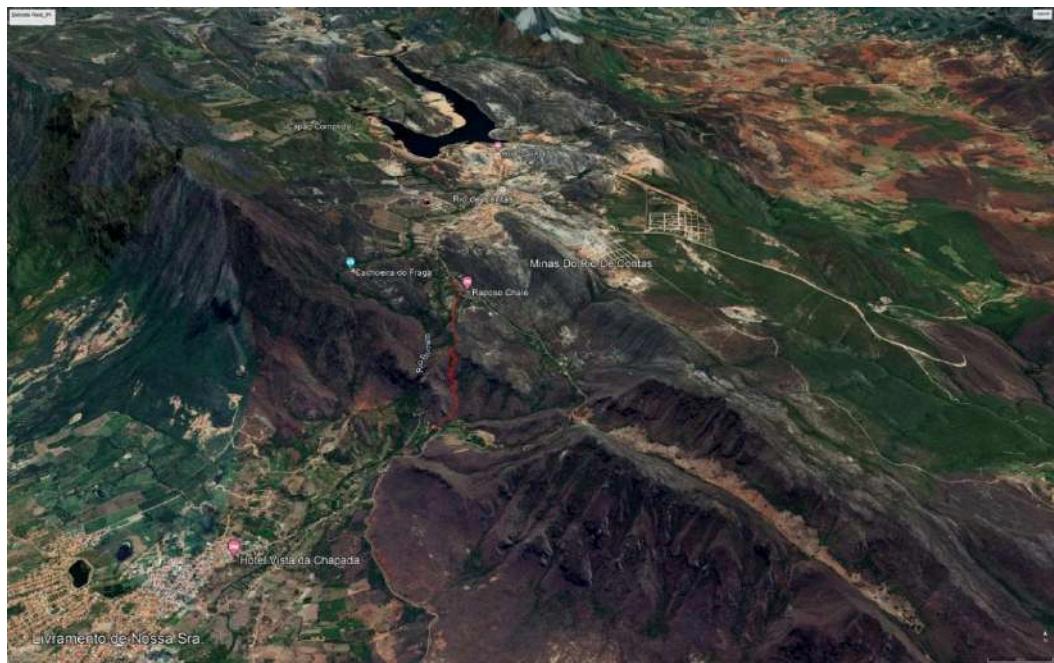
Se com a agricultura, a região volta a experimentar um grande desenvolvimento econômico, outras preocupações surgem quanto às graves crises hídricas enfrentadas, ao crescente desmatamento, às contínuas queimadas e à contaminação das águas. Essa exploração irracional coloca em risco todas as formas de vida da região, pois, como se sabe, para que a vida exista da forma como conhecemos, é preciso haver água. Nada é infinito! Assim como o ouro se esgotou um dia, a água também poderá.

Figura 1 - Foto de mapa da Estrada Real entre os municípios de Jacobina (BA) e Rio de Contas (BA)



Fonte: A Estrada Real, Caminhos da Bahia colonial: indicativos do potencial turístico, 2017

Figura 2 - Foto de satélite com destaque em linha vermelha para o território da Estrada Real entre os municípios de Livramento (BA) e Rio de Contas (BA) pela Serra das Almas



Fonte: A Estrada Real, Caminhos da Bahia colonial : indicativos do potencial turístico, 2017

Figura 3 - Foto de satélite em vista aérea, com destaque em linha vermelha para o território da Estrada Real entre os municípios de Livramento (BA) e Rio de Contas (BA)



Fonte: A Estrada Real, Caminhos da Bahia colonial: indicativos do potencial turístico, 2017

2.0 RECRIANDO MEMÓRIAS



2.0 RECREANDO MEMÓRIAS

Caminhar talvez seja uma das mais antigas atividades da humanidade. Caminhar é a evolução da anatomia humana e da forma de locomoção do ser humano pelo espaço na busca de alimentação, povoamento e conhecimento.

Sua história é secreta e jamais foi escrita (SOLNIT, 2002). Na maioria das vezes é uma atividade espontânea, mas que ganha outras perspectivas na investigação e subjetividade humana em torno dessa ação, onde lhe atribuímos significados, influenciadas pela cultura de diversos povos e civilizações.

Curiosamente está presente e é descrita nas mais diversas áreas da ciência em todas as partes do mundo. Se sua história não foi escrita pode-se se dizer que ela faz parte da história da vida humana neste planeta.

Durante o século XX, esta prática tão corriqueira e habitual começou a ser investigada como potencial criativo pelos Dadaístas, que, inspirados no conceito de *flâneur* pelo poeta Charles Baudelaire (1821-1867), realizaram deambulações pelos espaços urbanos de Paris, criando procedimentos operatórios que permitiam aos artistas realizar ações no espaço enquanto práticas artísticas, desenvolvendo assim experiências estéticas. Eles buscavam uma ruptura com o fazer artístico tradicional, que se concentrava na representação da arte pelo objeto.

No início da década de 1950, a Internacional Letrista¹¹, que tinha como um de seus fundadores o filósofo e escritor Guy Debord (1931-1994), reconheceu esse “perder-se” na cidade como uma *antearte* de grande potencial estético e político, dando origem ao termo e à prática da *dérive*. O grupo começou a desenvolver estudos sobre a geografia urbana a partir da *psicogeografia* e da deriva, palavra de origem náutica que, para os situacionistas, expressava a ideia de perder-se conscientemente, numa mistura de desejo e acaso, racionalidade e irracionalidade, projeto e antiprojeto (CARERI, 2017, p. 31). Já em 1957, a Internacional Letrista se integrou a outros grupos, dando início à Internacional Situacionista, que daria continuidade a

¹¹ Movimento artístico de vanguarda fundado na França em 1952.

essas experimentações e práticas artísticas urbanas, com fortes críticas à sociedade de consumo e ao capital.

Com os avanços tecnológicos, a promessa era de que as distâncias seriam encurtadas e teríamos mais tempo livre. No entanto, o que observamos é mais uma ilusão criada pela sociedade capitalista, que torna os trabalhadores mais produtivos, com mais horas destinadas ao trabalho e à produção de capital. Essa percepção de que “o tempo vale ouro” tende a fazer com que levemos uma vida mais acelerada, em que atividades contemplativas, reflexivas ou sem um propósito prático são mal vistas e associadas à perda de tempo ou vagabundagem.

O *flâneur* experimentou e ainda experimenta algo semelhante, sendo um divergente da modernidade ao propor um vaguear pela cidade sem destino ou objetivo, movido apenas pela apreciação, descoberta e prazer. Essas ações, muitas vezes incompreendidas pela população, levam seus praticantes a serem julgados como vagabundos e desocupados. Essa é também uma forma de descredibilizar quem se aventura a romper com a lógica do sistema. Não é por acaso que ações artísticas, como intervenções urbanas e performances, sejam tão frequentemente atacadas por grupos conservadores.

Importante ressaltar que, apesar de o *flâneur* ser um grande referencial para quem pesquisa sobre o caminhar enquanto prática artística, é necessário apontar as diferenças existentes entre o tempo histórico e o contexto geográfico do surgimento da ação de flanar na França do século XX e a proposta realizada nesta pesquisa, no interior baiano, no século XXI. O caminhante, aqui, não é um mero observador do espaço, mas alguém que se permite apreender, experienciar e até coletar materialidades. O espaço de caminhada não se restringe ao urbano, abrangendo também o ambiente natural. A caminhada torna-se um encontro com o acaso, com o outro e consigo mesmo, pois é nesses encontros que se constroem as narrativas poéticas sobre as memórias e a história deste território.

Caminhar e coletar. São palavras que, algum tempo atrás, para mim, não passariam de verbos. Isso começou a mudar no ano de 2016, quando iniciei meus estudos no curso de Bacharelado em Artes Visuais, na Escola de Belas Artes da UFBA, e passei a investigar meu hábito de infância de coletar objetos durante caminhadas pelas ruas de Livramento (BA).

Os objetos eram os mais inusitados: palitos, tampinhas, fios e metais. Já em casa, num sobrado da Rua José Cordeiro, eles eram agregados, dando forma a brinquedos que mais se pareciam com esculturas. Hoje, o que era um hábito de infância transformou-se numa metodologia poética de pesquisa em artes visuais — e o ato de caminhar já não seria mais o mesmo.

O coletar, como dito anteriormente, é um procedimento que compõe a metodologia desta pesquisa. Essa palavra tem origem no verbo latino *colligere*, cuja definição remete ao ato de juntar ou reunir algo. A partir da leitura do primeiro capítulo, podemos constatar que uma das ações mais recorrentes neste território, ao longo do tempo, foi a de coletar.

E, apesar de soar até contraditório, utilizar-se dessa ação hoje representa uma possibilidade de reunir o que foi deixado de lado, esquecido ou não coletado — agora, em outro tempo histórico e com um objetivo distinto.

Livramento de Nossa Senhora (BA) não é uma cidade que se preocupa muito com suas memórias! Cheguei a essa conclusão no ano de 2022, quando pude acompanhar, com tristeza, a demolição do Casarão dos Alcântara, datado do século XIX, de estilo eclético, único no município. Era dia 28 de janeiro, data em que se comemoram os festejos de São Gonçalo, sendo feriado no município, uma data propícia para uma demolição silenciosa, sem muito alarde, para não despertar a atenção da imprensa e da população local. O dia estava ensolarado, e o calor predominante, como se espera de um dia de verão. Eu, um espectador passivo, munido apenas de minha câmera fotográfica, buscava fazer os últimos registros do que era, em outros tempos, um casarão que representava um período de prosperidade, crescimento e riqueza no município.

O Casarão, foi herdado por várias gerações da família Alcântara, sendo palco de muitas disputas, pois se localiza em área nobre da cidade de alto valor

econômico, atualmente tendo cerca de vinte herdeiros. O Poder Público por diversas gestões ao longo dos anos se manteve indiferente a conservação deste patrimônio histórico, sem lutar de fato pelo seu tombamento frente aos órgãos de conservação responsáveis, como relata o jornalista Raimundo Marinho no capítulo “Edificações históricas” do livro *Livramento é de Nossa Senhora*. O mesmo jornalista há treze anos vinha denunciando o estado de abandono que se encontrava o Casarão, em seu artigo “História violentada” publicado no site *Mandacaru da Serra*, Raimundo nos diz:

O imóvel é propriedade particular, mas já foi cadastrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico do Estado da Bahia como bem a ser preservado, mas não promoveu o tombamento, para garantir a preservação. O município também foi negligente, pois tem poder, conferido pela Constituição Federal (artigos 215 e 216), tanto para decretar o tombamento quanto para desapropriar, para fins de conservação, em razão da importância histórica da edificação. (SANTOS, 2022)

O som forte e grave do motor do trator que com sua pá carregadeira ia em poucos segundos e com extrema facilidade derrubando as paredes, que em instantes viraram entulho.

O que ficaria ao final seriam as memórias, mas essas mesmas logo vão deixar de existir, pois não haverá o que lembrar as futuras gerações. Em breve só restará a poeira que será soprada pelo vento.

E nós como ficamos com tudo isso? Aos livramentenses resta apenas lamentar a perda deste importante patrimônio que poderá ser visto agora apenas por fotografias. E em cada acontecimento desse tipo iremos perdendo aos poucos a nossa história. Pois sim ela é nossa, e não podemos permitir que ela seja apagada, demolida ou vendida.

Apesar do tom patrimonialista e saudosista da narrativa em torno do casarão enquanto patrimônio, é necessário também reconhecer que, embora ele represente um período de crescimento e riqueza da região, é igualmente uma marca do período colonial, construído sob um regime monárquico e escravocrata. Essa percepção é fundamental para que possamos refletir sobre a memória não narrada — aquela que se ocultava entre essas paredes, marcada pela violência sofrida pelas pessoas escravizadas na construção e manutenção

desse patrimônio. Pois a memória é como um espelho partido, refletindo fragmentos da história.

Figura 4 - Foto de fachada do Casarão dos Alcântara já interditada para demolição, Livramento (BA), 2022



Fonte: Arquivo do autor

Figura 5 - Fotos da demolição do Casarão dos Alcântara, Livramento (BA), 2022





Fonte: Arquivo do autor

Essa experiência fez com que eu me voltasse a pensar sobre como se dá o processo de construção da memória, e a iniciar processos artísticos que possibilassem uma reflexão e denúncia sobre a situação dos casarões no município.

No mesmo ano, a partir da coleta de restos de demolição dos casarões abandonados, busquei “recriar” de forma poética sua memória na transferência de registros fotográficos para os vestígios coletados.

Toda essa experimentação resultou na série “Recriando Memórias”, que conta com um total de mais de 20 obras, compostas por fragmentos de telhas, blocos cerâmicos, madeira e alvenaria.

Figura 6 - “Recriando memórias nº 2”, fotografia sobre alvenaria, 2,5 x 9 x 14 cm,



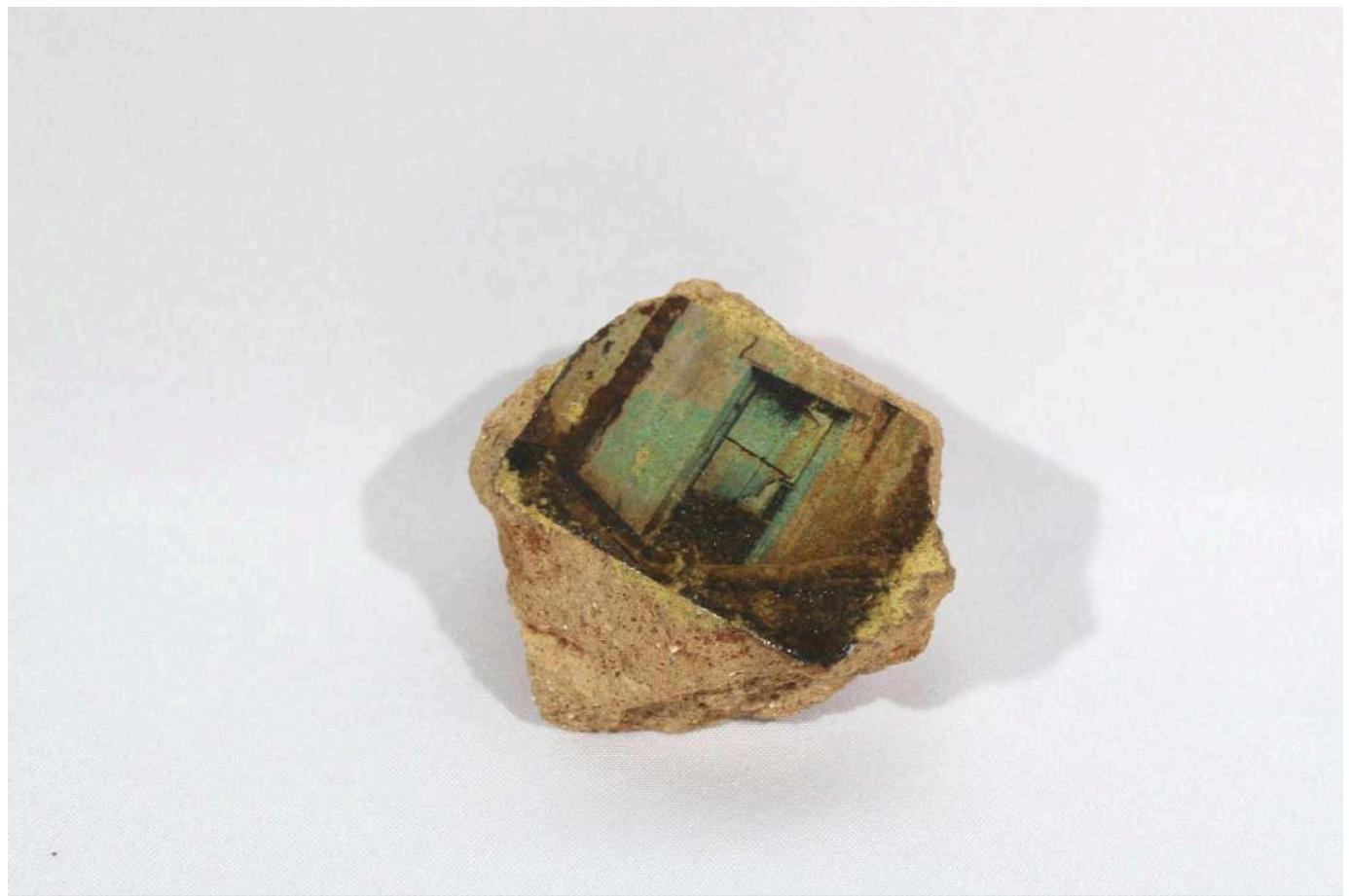
Fonte: Arquivo do autor

Figura 7 - “Recriando memórias: apagamento V”, fotografia sobre bloco cerâmico, 3 x 10,5 x 10,5 cm, 2022



Fonte: Arquivo do autor

Figura 8 - Recriando memórias nº 6, fotografia sobre alvenaria, 6 x 9 x 7,5 cm, 2022



Fonte: Arquivo do autor

Cresci ouvindo as histórias contadas pelos mais velhos sobre a Estrada Real, que iam de tesouros perdidos à barbárie de sua construção. Histórias essas que hoje são muito pouco conhecidas, estudadas e questionadas. O que gera uma grande perda devido a sua importância na formação deste território, que deu origem não só a cidade de Livramento, mas aos povoados e vilas que hoje compõem as cidades da região.

É raro encontrar um morador que não tenha ouvido falar da estrada ou que não tenha caminhado por ela, pois é um local amplamente conhecido e que continua atraindo inúmeros visitantes. Contudo, pergunto-me: **quais memórias ainda permanecem vivas? E quais são esquecidas, desconhecidas ou foram apagadas? Como acessar essas memórias?** Essas questões, profundamente intrigantes, são como fios que conduzem a pesquisa.

No ensaio *O Narrador*, de 1936, Walter Benjamin fala da importância de se narrar histórias e de como a experiência e a memória estão sempre ligadas, pois a experiência é transmitida pela narração de quem narra, sendo essa ação o que presentifica a memória do passado. Ele se mostra pessimista, pois entende que a arte de narrar está em extinção. “Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. (BENJAMIN, 1934). Ele atribui isso a uma desvalorização da experiência na modernidade em detrimento da informação jornalística na sociedade capitalista, numa aceleração constante da vida e desconexão com a tradição de narrar.

Benjamin busca diferenciar vivência de experiência. Ele entende as vivências como eventos efêmeros e superficiais, onde não há um aprofundamento na consciência. Mas ela faz parte da experiência que se diferencia por ser mais elaborada e se transmite coletivamente na construção de um saber que se acumula.

Narrar é a capacidade de compartilhar histórias. Para mim, é também uma forma de acessar essas memórias, tensionar questões e promover reflexões sobre a construção da história deste território. Entendo que é função tanto da arte quanto do artista poder ser um agente provocador.

Ser um artista contemporâneo vai além de produzir obras de arte a partir de uma tendência artística. Ser contemporâneo, como propõe Giorgio Agamben (2021), é poder perceber a escuridão no presente e trazer luz sobre a alienação. É também aquele que divide e questiona o tempo, sendo capaz de transformá-lo e relacioná-lo com outros tempos, lendo de forma inédita a história.

2.1 MEMÓRIAS DE JATOBÁ

Caminhar pela Estrada Real, para mim, já é algo recorrente que faço desde a adolescência, com meus amigos, aos finais de semana, sempre bem cedo, para evitar o calor escaldante. A nossa trilha sempre terminava na cachoeira, onde fazíamos um lanche e nos banhávamos. A diferença agora está não só na minha idade, mas no olhar crítico e inquieto do artista/pesquisador para o seu objeto de pesquisa, onde essas caminhadas ganham uma nova percepção e finalidade.

Neste sentido, inicio este relato, no qual me preparam para a primeira caminhada com a finalidade científica de uma pesquisa pela Estrada Real. Antes de sair de casa, faço a checagem do material que estou levando para a caminhada, moro a cerca de 8 quilômetros do trecho oficial da Estrada Real, em Livramento de Nossa Senhora (BA). São pouco mais de 7:00 horas da manhã de um dia ensolarado, típico desta época do ano para a região. No caminho passo por um trecho urbano, disputando espaço com os veículos. As calçadas das cidades estão cada vez menores, dando lugar a faixas mais largas de asfalto, pois “o pedestre ainda é um grande obstáculo à mobilidade desimpedida do tráfego” ¹². Esta forma de pensar de alguns urbanistas e de nossa sociedade de consumo e capital, esta tornando o caminhar praticamente impossível nos grandes centros urbanos.

No livro a ‘História do Caminhar’, Rebecca Solnit traz observações importantes sobre as dificuldades e desestímulo as caminhadas a pé:

Caminhar pode se tornar um sinal de impotência ou condição social baixa, e os novos projetos urbanos e suburbanos desprezam as pessoas que caminham. Muitos lugares substituíram o centro comercial por shopping centers acessíveis apenas de carro ou construíram cidades que nunca tiveram um centro comercial, com edifícios que tem garagens como portas de entrada. (SOLNIT, 2016, p. 418)

Durante a caminhada, ao passar pelo bairro dos Valérios em Livramento (BA), me deparo com uma frondosa árvore, cuja presença há muito tempo habita aquele local, e que passa despercebida frente a nossa rotina de vida acelerada e desvinculada da observação contemplativa da natureza.

¹² Rudofsky, Streets for People, p. 106.

Comecei então a investigar essa árvore, qual minha surpresa se tratar de um pé de *Hymenaea sp*, mas que também é conhecida popularmente por outros nomes como: árvore-copal-do-brasil, jassaí, imbiúva, farinheira. Prefiro mesmo Jatobá, nome de origem Tupi, que significa “árvore com frutos duros”, o nome científico me soa muito técnico, os povos originários esses sim sabem dar nomes às coisas. Pressuponho que se deva a sua relação de comunhão com a natureza, onde as crianças desde cedo aprendem a amar e respeitar todos os seres que habitam o nosso planeta, rompendo com a ideia dominadora e de superioridade do ser humano para com os outros seres, relação essa bem distinta da que impera em nossa sociedade contemporânea.

O escritor e líder indígena Ailton Krenak (1953), em seu livro ‘Ideias para adiar o fim do mundo’, narra uma história que exemplifica essas questões levantadas anteriormente:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak àca na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor àcar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já àcam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (KRENAK, 2020, p. 11)

Uma possível explicação para essa nossa desconexão com a terra e a natureza vem do termo “cosmofobia”, apresentado no livro “A terra dá, a terra quer”, do escritor e poeta Antônio Bispo (1959 – 2023). Esse termo se refere a uma espécie de fobia de tudo que vem do cosmos e da natureza. Que acaba por nos desconectar da terra e de nossa ancestralidade, numa espécie de “adestramento” aos modos de vida do colonizador. Pois ‘adestrar e colonizar são a mesma coisa’ (SANTOS, 2023, p. 7).

Estando diante da Srª. Jatobá, me vem à mente algumas questões: Alguém a terá plantado? Quantos anos ela tem? Creio que essas questões não sejam muito importantes para ela, que é uma sobrevivente da paisagem natural, que ainda luta para sobreviver ao desmatamento e à cobiça. Tendo sua madeira grande valor econômico, pois possui longa durabilidade, alta resistência e grande versatilidade. Uma solitária ‘observadora do tempo’ que guarda em sua

materialidade (cascas, raízes e frutos) as transformações físicas da paisagem, sejam elas de natureza extrativista ou natural, que denomino como ‘vestígios de memórias’.

Ela e sua variedade de 16 espécies são consideradas um patrimônio sagrado do Brasil, cercada por uma rica mística entre os povos indígenas. Em rituais, suas sementes são ingeridas como uma forma de facilitar a meditação, trazer equilíbrio e acalmar a mente. Xamãs latino-americanos utilizam sua resina na fabricação de incensos, empregados em rituais de limpeza espiritual e cura.

A observo com admiração e a toco suavemente; é como tocar um ser ancestral. Percebo uma semelhança entre minhas veias e suas cascas grossas, que são com uma espécie de pele, cujas marcas registram a passagem do tempo e narram as memórias daquele território.

Penso em estudar um pouco mais sobre dendrocronologia, um estudo sobre os anéis de crescimento presentes nos troncos das árvores, onde ficam armazenadas informações que podem ser analisadas para compreender a temperatura, chuvas, períodos de seca, incêndios, entre outros aspectos da história do território.

Começo a fazer desenhos e fotografá-la. Escuto o canto dos pássaros e percebo que ela também é pouso e morada. Passam por mim algumas pessoas de moto, outras a pé, sempre com olhar curioso, querendo saber o que tanto aquele jovem faz ali parado perto daquela árvore. Veio-me à mente de repente, a imagem do artista Bené Fonteles abraçando árvores¹³, ele ama fazer isso. Procuro, então, simbolicamente, repetir o ato.

Com a proximidade, consigo sentir melhor o seu cheiro, que pode ser um pouco forte para olfatos mais sensíveis — característica que rendeu aos seus frutos o popular apelido de “fruta chulé”. Essa “sensibilidade olfativa”, no entanto, parece não se estender a outros sentidos, que poderiam transformar a percepção popular sobre a natureza, permitindo compreender suas distintas características não como negativas, mas como parte integrante de um ecossistema.

¹³ Artes na Espreita e na espera: poéticas da Quarentena.

Como o Prof. Rubem Alves, também possuo “memórias cheias de árvores”¹⁴, e comproto o amor pelos ipês, especialmente os amarelos. Simbolicamente, plantei um há seis anos em frente à minha casa em Livramento (BA), quando me mudei para Salvador (BA). Todos os anos, ele me presenteia com o lindo amarelo de suas centenas de flores.

Livramento (BA) ainda é uma cidade privilegiada por sua paisagem natural, apesar da crescente degradação do meio ambiente. Digo privilegiada porque este não é o mesmo cenário que encontro em Salvador (BA), onde as árvores estão sendo substituídas por grandes prédios e a terra coberta por asfalto. Logo, esta terra terá que fazer jus ao seu nome e encontrar um salvador.

É necessário que sejamos protetores e defensores das árvores, como bem diz Rubem Alves em uma de suas mais belas crônicas, “**Em defesa das árvores**”.

Lembro-me de uma discussão com minha vizinha, que reclamava da “sujeira” promovida pelas flores e sementes de meu ipê durante sua floração. Quem dera que toda sujeira em nossas vias públicas fossem flores e sementes. Certamente, teríamos menos asfalto.

Ao ler a crônica, comprehendi que é necessário sensibilidade para escutar e falar com as árvores. Não dá para mandar uma mensagem de WhatsApp ou um e-mail. É preciso estar presente e não ter pressa, pois é na experiência de um instante que o milagre acontece.

Assim, dirijo-me à Sra. Jatobá, pedindo sua bênção e licença, como quem se dirige a uma pessoa mais velha, um ser ancestral portador de imensa sabedoria. Coleto um pouco de suas cascas, raízes e frutos, despeço-me e sigo a caminhada.

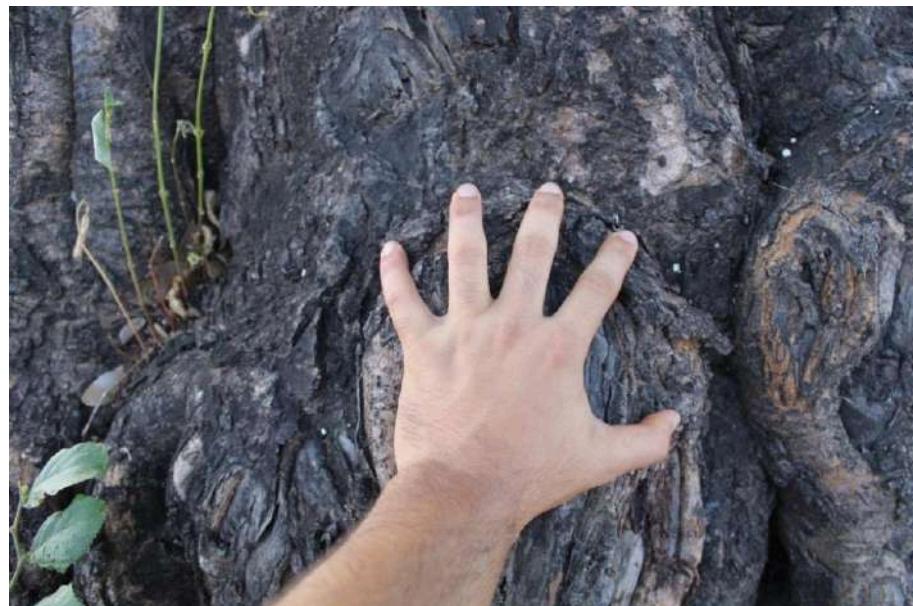
¹⁴ Crônica Cemitério de árvores, 2010

Figura 9 - Foto de Jatobá. Valérios/Livramento (BA), 2023



Fonte: Arquivo do autor

Figura 10 - Detalhe da mão do autor sobre o tronco do Jatobá. Valérios/
Livramento (BA), 2023



Fonte: Arquivo do autor

2.2 SR. BRUMADO

As virtudes perdem-se no interesse, tal como os rios no mar.

Fraçois de La Rochefocaud

Continuo a caminhar, caçando memórias como quem caça o invisível. Enquanto caminho pela Estrada Real escuto ao longe o som das águas do Sr. Brumado (Rio Brumado), som esse que a cada dia se silencia mais. Se no passado a procura era por ouro, num futuro não muito distante será por suas águas. Rios também morrem! E quando isso acontece tudo morre ao redor.

A cidade de Livramento é conhecida nacionalmente por ser uma das maiores produtoras de manga e maracujá, cujos lotes de cultivo fazem parte do Perímetro Irrigado do Brumado. As águas do rio são represadas na Barragem Luiz Vieira, um ambicioso projeto iniciado no ano de 1977 ainda durante a ditadura militar brasileira e inaugurado em 1989 pelo então presidente do Brasil, José Sarney, no município de Rio de Contas (BA). No local escolhido para a construção da barragem, existia a Comunidade de Riacho das Pedras, além das terras cultiváveis de Barra e Bananal, todas comunidades quilombolas formadas por remanescentes de escravizados no município de Rio de Contas (BA). Com a construção, os moradores da comunidade de Riacho das Pedras foram forçados a abandonar suas terras de forma autoritária e ilegal por um regime militar ditatorial, sob a promessa de uma indenização que, na prática, nunca foi realizada, como relata o jornalista Leonardo Sakamoto em um artigo publicado no ano 2000:

O DNOCS na época indenizou apenas os comunitários que apresentaram título da terra. Além de baixa, a reparação financeira se restringiu apenas às benfeitorias (casas, despensas, celeiros etc). O terreno em si não foi indenizado. Os comunitários mais antigos relatam que os documentos comprobatórios da propriedade foram entregues à época aos representantes da DNOCS. No entanto, além de não disporem mais da documentação, não tiveram a compensação financeira devida pela DNOCS sobre a terra. O próprio órgão teria reconhecido seu débito em relatório, de 1999, sobre a região (SAKAMOTO, 2000).

No mesmo artigo, Sakamoto entrevista, à época, o presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário Rural de Barra do Brumado, Bananal e Riacho das Pedras, o senhor Carmo Joaquim da Silva. Em seu depoimento, ele narra os momentos que antecederam a inundação da comunidade:

O pessoal de Riacho das Pedras só saiu com o toque da água. Um devoto de Bom Jesus colocou o seu oratório na cabeça e, quase coberto de água, saiu chorando. Antes da titulação das nossas terras pelo governo éramos considerados invasores em nossa própria casa. (SAKAMOTO, 2000)

Essa situação levanta uma discussão sobre a função do DNOCS¹⁵: a quem ele realmente serve? Em um pronunciamento do deputado Edson Duarte, durante a comemoração dos 100 anos do departamento, ele descreve suas atribuições da seguinte forma: "criar instrumentos de apoio ao desenvolvimento de atividades produtivas compatíveis com a preservação, conservação e manejo sustentável dos recursos naturais."

A barragem atualmente possui uma capacidade de acumulação de 105.000.000 m³ e abastece as cidades de Livramento, Rio de Contas e Dom Basílio, atendendo a finalidades de consumo humano, lazer e irrigação.

Para efeito de comparação quanto à sua dimensão, a barragem B1, da mineradora Vale, que se rompeu em Brumadinho (MG) no ano de 2019, tinha capacidade para 12.700.000 m³ de rejeitos de mineração.

O Perímetro Irrigado, que cresce cada vez mais além do permitido, tem contribuído para graves crises hídricas na região, cujo principal objetivo seria garantir o consumo humano, mas, na prática, isso não ocorre. Esse problema tem sido denunciado há anos pelo jornalista Raimundo Marinho em matérias publicadas no site *Mandacaru da Serra* (www.mandacarudaserra.com.br). Se antes o brilho dourado do ouro representava a riqueza na região, hoje o que predomina é o da manga e do maracujá.

Essas crises hídricas também impactam a economia da região, com o aumento do desemprego e a queda na renda, em uma área que não possui diversificação econômica devido à falta de políticas públicas. É paradoxal pensar

¹⁵ Departamento de Obras Contra a Seca

nessa relação, onde com a barragem e o perímetro irrigado a promessa era justamente a contrária, onde esses também se tornam uma das causas do problema.

Figura 11 - Vista aérea da Barragem Luís Viana, Rio de Contas (BA)



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sOdRBOX68R0> >. Acesso em: 04/12/2024.

Em conversas com o advogado João Batista e a fisioterapeuta Cássia Santos, descendentes quilombolas residentes na Comunidade Quilombola da Rocinha, em Livramento (BA), eles relatam uma crescente “invasão de fazendeiros” que adquirem terras na região para formar grandes latifúndios destinados ao cultivo de manga e maracujá. Com o uso de grandes bombas d’água, esses fazendeiros retiram grandes volumes de água do rio, deixando a comunidade local desabastecida.

Diante desse cenário, que se agrava durante os períodos de seca, Cássia relata que córregos próximos a sua residência começaram a secar, sendo necessária a mobilização da comunidade, que buscou a intervenção do Ministério Público para garantir seu acesso à água, num acordo que envolvia um “rodízio” no dias de abastecimento entre a comunidade e as fazendas.

Todo esse processo João Batista descreve como uma espécie de “re-colonização”, sobre isso ele diz:

No tempo dos antigos, que comprehendo como anterior a 1992, havia senhores brancos de engenho que possuiam grandes propriedades, as quais, como contam os mais velhos, foram usurpadas ou obtidas por meio da troca de farinha, arroz e rapadura. Com isso, a região, que era formada por pequenos povoados quilombolas, foi sendo reduzida a grandes latifúndios. Atualmente, os filhos e netos dos fazendeiros, que foram residir em grandes centros, estão retornando à região atraídos pela riqueza hídrica, adquirindo novas terras e ampliando suas posses, “cercando” nossa comunidade e usurpando nossos recursos naturais. Por isso, hoje, digo que a comunidade vive um processo de re-colonização.

Se no século XVIII, as fazendas eram de açúcar e o trabalho era escravizado, hoje, no século XXI, têm outra cor e sabor. E o trabalho embora assalariado, recruta mão de obra na própria comunidade quilombola, com a promessa de trazer o emprego e progresso para a região. Na prática, porém, isso é um retrato de como o passado ainda se faz presente, agora sob a máscara do agronegócio. Onde de posse da terra, possuem indiretamente o domínio sobre a região, num processo também de devastação da paisagem natural da região que a modifica completamente, num impacto ambiental ainda não mensurado.

Além disso, há o uso excessivo de agrotóxicos, cujos efeitos impactam diretamente a saúde dos moradores da comunidade. Em Livramento, comunidades próximas aos lotes do perímetro irrigado relatam um aumento preocupante no número de doenças, incluindo casos de câncer, atribuídas ao uso indiscriminado desses produtos químicos. Moradores expressam temor em relação à segurança e à qualidade da água consumida, levantando sérias dúvidas sobre os impactos desse cenário. Isso me leva a questionar novamente: **a quem realmente serve o DNOCS?**

Entre os relatos, destaco o do professor Ednilson Camelo, licenciado em Química pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), membro da associação de moradores¹⁶ e residente na comunidade dos Patos/Livramento (BA), vizinha ao perímetro irrigado, ele afirma:

A comunidade é cercada por lotes de manga e enfrenta um grande problema relacionado ao uso indiscriminado de agrotóxicos. Sua aplicação ocorre, muitas vezes, durante a noite, sendo espalhada pelo vento e chegando até as casas da comunidade, causando mal-estar, irritação nos olhos e insônia. Além disso, há um impacto significativo no

¹⁶ Associação de Desenvolvimento de Patos e Região

ecossistema, com a extermínio de insetos importantes para a própria produção, como as abelhas. A água que consumimos na comunidade é a mesma utilizada para a irrigação dos lotes, o que nos gera grande preocupação quanto ao risco de contaminação por agentes químicos. Existem alternativas mais sustentáveis que poderiam ser adotadas, mas esse cenário persiste devido à falta de políticas de fiscalização e de educação sobre o manejo adequado da produção.

Figura 12 - Vista aérea do Perímetro Irrigado do Brumado, Livramento (BA)



Fonte: Disponível em: <
<https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/nossas-historias/implantado-pelo-dnocs-em-1989-o-perimetro-irrigado-do-brumado-transformou-a-regiao-em-um-polo-de-desenvolvimento-de-fruticultura-irrigada> >. Acesso em: 04/12/2024.

Retomando a caminhada, sento-me para descansar próximo a uma das margens do rio, junto minhas mãos e as mergulho na água e lavo meu rosto, percebo meu reflexo no espelho d'água. Fisicamente, a água não tem cheiro e nem cor, mas quem vê essas águas tão límpidas e transparentes sob esse olhar, não pode notar que elas estão manchadas de sangue negro e indígena. Dificilmente saberemos os nomes das centenas de pessoas escravizadas que perderam suas vidas neste processo. O número além de frio seria incerto, pois

as fontes possíveis de pesquisa, como os Fundos Mineralógicos¹⁷ e escritos de ordens religiosas, são imprecisas e excluem grupos populacionais de seus registros, simplesmente é como se essas pessoas nunca tivessem existido.

A pesquisadora Nanci Patricia Lima Sanches em sua dissertação de Mestrado intitulada “Os livres pobres sem patrão nas Minas do Rio das Contas/Ba – Século XIX (1830-1870)”, realiza a construção de um perfil populacional da Vila das Minas do Rio de Contas no século XIX (atual Rio de Contas - BA), investigando a ocupação destes homens livres, suas articulações com outras classes e o roubo como recurso de sobrevivência dentro desse sistema. A pesquisa traz dados importantes sobre algumas classes da população, em especial a de pessoas escravizadas. Sobre isso Nanci diz:

O livro de matrícula de escravos¹⁸ é uma importante fonte para identificarmos o número de escravos e os maiores proprietários dentro de Rio de Contas e suas cercanias em meados do século XVIII. Essa fonte, que faz parte da estrutura de posse dos escravos, nos permitiu identificar um pouco da demografia deste segmento social em meados dos setecentos. O registro de matrícula, documentação rara e incompleta, aponta para um número significativo de cativos, sendo o total referente aos anos de 1748 e 1749, de 948 escravos sendo 666 homens e 167 mulheres, e 117 meninos com idade até 17 anos. Esses dados nos oferece uma estimativa populacional considerável, se pensarmos que a população escrava representava um coeficiente de 70% do total de almas em Rio de Contas¹¹². Considerando esse percentual, podemos chegar a aproximadamente 284 pessoas entre livres pobres, forros e proprietários nos finais do século XVIII. (SANCHES, 2008, p. 50-51)

Ao refletirmos sobre o presente e analisarmos o que ocorreu com a comunidade quilombola de Riacho das Pedras e, mais recentemente, com a comunidade da Rocinha, percebemos a repetição de uma política de apagamento em relação ao povo negro e seus descendentes, com a chancela do estado. Além disso, evidencia-se, ainda que pouco debatido, casos de racismo ambiental. Esse termo descreve como comunidades de minorias étnicas são frequentemente submetidas a processos de degradação ambiental, caracterizados na região pela usurpação de terras, desmatamento, poluição e restrição ao acesso a recursos naturais.

¹⁷ APMRC. Livro com 196 páginas datado de 1769, que faz o registro do ouro e contabilizava animais de rebanho, negociantes, pessoas e transeuntes que passavam pela vila.

¹⁸ APMRC, Rio de Contas (BA).

Retomo minha atenção para o rio. Pego meu smartphone e começo a gravar o som de suas águas; aproveito também o momento para coletar um pouco da água em uma garrafa. Há relatos populares de que havia tanto ouro que bastava mergulhar sua mão no rio para encontrá-lo, e que os filhos dos fazendeiros, quando se casavam, ao invés de se jogar arroz sobre os noivos, jogava-se ouro em pó.

Em outro trecho do livro ‘A terra dá, a terra quer’, Antônio Bispo apresenta o conceito de contracolonialidade que busca na união de comunidades tradicionais ações práticas na defesa de territórios, símbolos, significados e modos de vida, como formas de lutar, questionar e desconstruir a hegemonia de uma cultura sobre a outra, principalmente eurocentrada pautada no colonialismo. Ele discute em como o colonialismo continua a impactar as comunidades e povos tradicionais que encontram na contracolonialidade uma forma de subverter as estruturas e os valores coloniais. Bispo percebe uma semelhança entre a ação de colonizar e adestrar; sobre isso, ele diz:

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta. (SANTOS, 2023, p. 7)

É interessante notar, a partir desta perspectiva apontada por Bispo, que as marcas desse processo colonial extrativista não se restringem ao físico, mas também à grafia e denominação. Um exemplo é o Rio Brumado, que tem seu nome originado da palavra “bromo”, empregada pelos garimpeiros e bandeirantes ao se referir as perdas e desaparecimento de ouro durante as lavras no rio. Isso porque se utilizava o metal bromo para tingir a água do rio com uma coloração avermelhada, facilitando a distinção do ouro. Assim, dizia-se que o rio “bromou”¹⁹. O rio é localizado na macrorregião centro-sul da Bahia, nascendo na Serra das Almas em Rio de Contas (BA) e se estendendo por uma área de 3193,88 km², abrangendo quatro municípios²⁰.

¹⁹ NOGUEIRA, 2017.

²⁰ Rio de Contas, Livramento de Nossa Senhora, Dom Basílio e Brumado, BA.

Lavrar é uma palavra que significa revolver, sulcar, revirar a terra, também poderia ser sinônimo de derrubar a vegetação, poluir e contaminar, desde esse período, já era comum o uso do mercúrio durante as lavras²¹. “Calcula-se que 200 mil toneladas desse metal foram emitidas para o ecossistema amazônico entre 1540 e 1900”, como diz o biólogo Wanderley Bastos.

Importante ressaltar que essa prática econômica extrativista, praticada durante o período colonial pode ser comparada na contemporaneidade ao massacre dos povos indígenas e à invasão de suas terras por mineradoras e garimpeiros para a extração ilegal de minérios, pedras preciosas e madeira. Prática que contribui também para o crescente desmatamento e destruição da paisagem natural brasileira. Mesmo após centenas de anos, estamos vendo a história se repetir, demonstrando a necessidade de um maior enfrentamento e rigor por parte do poder público contra essas práticas criminosas.

Na exposição ‘Coisas existentes em função do desejo’, realizada em 2014 na Caixa Cultural em Salvador (BA), o artista Marcos Zacariades apresentou uma série de trabalhos que tem como temática central o garimpo na Chapada Diamantina. A partir da coleta de restos de florestas devastadas e outros materiais relativos à prática do garimpo, o artista cria signos a partir da ideia do desejo que cobiça, cria, devasta e destrói. Como diz o artista:

O desejo contém uma ligação forte com o que se extrai da terra, do corpo e da alma e pode agigantar a fome contida no homem finito e imperfeito, que consolida as relações de poder sob uma eterna tensão de uma existência exuberante e precária, que tudo busca e de tudo extrai para gerar um conjunto de elementos que caracteriza a ação na terra: o fazer as coisas existirem.²²

²¹ É utilizado para separar o ouro da lama e de outros rejeitos da mineração.

²² Texto de Marcos Zacariades. Catálogo da exposição Coisas Existentes em função do desejo. Caixa Cultural Salvador (BA), 2014.

Figura 13 - “Banquete de migalhas”, Marcos Zacariades, instalação, 2014



Fonte: Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/arte-epica-no-coracao-secreto-do-brasil/>>. Acesso em: 14/12/2023

A metodologia utilizada por Marcos em seu processo criativo se assemelha à que estou utilizando nesta pesquisa, onde ele coleta e agrupa objetos de diferentes materialidades em suas esculturas e instalações, criando novas formas. Também há uma aproximação geográfica quanto ao território da pesquisa, pois ele vive e trabalha em Igatu/Andaraí (BA), um dos municípios que compõe a Chapada Diamantina e que possui trechos de Estrada Real.

É curioso pensar, para além de uma reflexão poética, em como essas memórias começam no rio e terminam no mar ao pensar na extração e transporte desses mineiros pela Estrada Real até a metrópole portuguesa. Mais intrigante ainda é pensar que, de certa forma, é o trajeto que faço há mais de 6 anos entre Livramento e Salvador (BA), quando iniciei meus estudos na Escola de Belas Artes (EBA/UFBA). Os caminhos da vida e da arte são misteriosos! E são esses mistérios que as tornam únicas e especiais.

Num momento de inspiração, começo a unir alguns galhos de jatobá que coletei no início da estrada, experimentando a criação de pequenas esculturas. Agrego rochas a essas composições, surgem formas interessantes e cheias de

possibilidades. Após essa breve experimentação, guardo novamente os materiais na mochila, para depois com mais calma, refletir sobre essas materialidades.

Figura 14 - O artista tenta construir esculturas com galhos de jatobá na Estrada Real



Fonte: Arquivo do autor

A mochila que, no início da caminhada, estava vazia começa a ficar cheia. Começo então a marcar alguns pontos na estrada para deixar materiais coletados, a fim de buscar na volta. Lembro-me de que as cutias fazem algo parecido com o fruto da castanha-do-pará, rompendo a casca grossa que protege as nozes para comê-las. As que sobram, elas enterram pela floresta em esconderijos que, por conta se seu “ingênuo esquecimento”, fazem brotar novas árvores. Talvez eu também esqueça alguns objetos e deixe que o acaso promova novos encontros. Percebo um potencial de experimentação artística futura. Por que, então, ao invés de apenas coletar, eu não deixo rastros? Como pequenas ‘nozes’, que possam promover e fazer brotar novas percepções e reflexões aos caminhantes.

Figura 15 - “Objetos vestígios”, casca de árvore e rochas, 2024



Fonte: Arquivo do autor

Figura 16 - O artista coleta galhos de árvores durante caminhada pela Estrada Real, 2024



Fonte: Beatriz Souza Cruz

Em meio a tantos pensamentos, procuro escrever tudo em meu caderno para não perder nada. Junto frases, corte, amarro e finalizo este capítulo com um pequeno poema que sintetiza um pouco da experiência vivenciada neste dia:

Caçando Memórias

Caçando memórias,
como quem caça o invisível,
em vestígios que vestem o tempo,
que nem o sopro do vento pode levar.

E na dor dessas lembranças,
cravadas na memória da história,
com sangue que nem a chuva
pode lavar.

A terra encobre,
a paisagem muda,
mas não esconde o passado,
que permanece em nossas memórias.

2.3 UMA PAUSA NA CAMINHADA

Com a mente ainda repleta de tantas questões e experiências vivenciadas durante a primeira caminhada, é difícil conter a ansiedade de pesquisador em retornar ao local. Mas, antes de retomar as caminhadas, já em casa, no mesmo sobrado da Rua José Cordeiro em Livramento (BA), onde antes eu construía brinquedos, construo agora uma poética de pesquisa. Nesse local onde nasci e cresci residem meus pais e irmão que sempre acabam se tornando colaboradores no processo, eles acham estranho a necessidade de guardar coisas aparentemente inúteis.

No térreo da casa é onde fica essa espécie de escritório/ateliê. Lá, há uma aura diferente: a criatividade e as ideias parecem ter outro fluxo, estimuladas pelo ambiente repleto de livros e experimentos artísticos. As paredes, amontoadas de objetos e papéis, ainda guardam os sonhos do menino que queria ser artista.

Ao olhar para uma fotografia na parede, recordo com carinho dos mestres Miguel Bartilotte e Flor Liberato. Foi no Atelier Flora Violetta Artes que dei os primeiros passos de minha carreira como artista no ano de 2012.

De bicicleta, o Prof. Miguel e eu percorríamos a cidade em uma espécie de “deambulação ciclística”, na qual coletávamos objetos descartados pelas vias urbanas. Esses objetos, mais tarde, ganhariam novas formas e finalidades artísticas nas mostras e espetáculos desenvolvidos pelo atelier.

Inebriado pelas memórias afetivas que o espaço evoca, dedico-me a organizar o material coletado, imerso no reencontro entre passado e presente.

Figura 17 - Vista da fachada e interior do atelier, Livramento (BA).



Fonte: Arquivo do autor

Desde minha pesquisa de conclusão de curso no bacharelado em Artes Visuais (EBA/UFBA), onde coletei materiais relacionados às memórias do trabalho rural, adoto uma forma de catalogação inspirada nos métodos utilizados por pesquisadores de ciências naturais em pesquisas de campo. Esse método, que replico para os novos materiais, consiste no uso de sacos plásticos transparentes e potes lacrados, devidamente etiquetados com fita crepe.

As etiquetas, preenchidas de forma manuscrita, contêm informações detalhadas, como a descrição do conteúdo, local, quantidade e data da coleta,

garantindo a distinção e organização do material. Essa forma metodológica de coletar e catalogar materialidades a denomino de “arqueologia visual”, em decorrência da semelhança no trabalho realizado pelo arqueólogo.

Figura 18 - Foto de alguns materiais coletados na Estrada Real, Livramento (BA), 2023



Fonte: Arquivo do autor

Figura 19 - Foto de detalhe da embalagem de armazenamento



Fonte: Arquivo do autor

O professor Francesco Careri, no livro “Caminhar e Parar”, propõe uma reflexão sobre a importância do parar/ficar na relação com o caminhar, não sendo ações antagônicas como se pode pensar, mas como partes do mesmo processo. Ele discute que que são nesses momentos de pausa que ocorre o encontro com o outro. “Quem levanta a âncora para uma longa viagem, além das velas e dos remos, leva certamente consigo também a âncora: a possibilidade de parar e conhecer de perto outros territórios e outras gentes.” (CARRERI, 2017, p. 28)

Penso que no processo de pesquisa e criação “o parar” pode ser relacionado também com pausas necessárias para a reflexão e absorção de informações. Como um artista que pinta uma grande tela o distanciamento é necessário para se ter uma dimensão mais ampla do trabalho e poder perceber pontos que necessitam de um retoque.

O professor Carreri também alerta que é importante saber o momento certo de parar, utilizando a metáfora do marinheiro que navega e busca conhecer o território e que quando desembarca encontra formas de conversar com a população. Para com isso ser não ser percebido como hostil, mas como um hóspede bem-vindo.

Essas metáforas sobre barcos e viagens me remete a um evento muito importante para a arte brasileira, onde no ano de 1978, três amigos, durante 32 dias, navegando em um barco, cruzaram o Rio Negro, na região Amazônica. Os navegantes eram os artistas Sepp Baendereck, Frans Krajcberg e o crítico Pierre Restany. Com a viagem eles buscavam refletir sobre uma nova maneira de ver, sentir e fazer a arte dentro de uma perspectiva do retorno à natureza original, em um naturalismo integral. Numa forma de produção artística voltada para a realidade brasileira. O projeto foi documentado em fotos, vídeos e em um diário de viagem escrito por Pierre. Como resultado dessa grande viagem se tem produzido por Pierre o “Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral”²³, divulgado no mesmo ano em todo o mundo.

²³ Pierre Restany (1978). "Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral." *[seppbaendereck]*, disponível em: <<https://seppbaendereck.com/manifesto/>>. Acesso em: 15 de mai. 2025.

“O poeta dos vestígios”²⁴ é o título do documentário dirigido por Walter Salles sobre a vida e obra de Frans Krajcberg. O título é extremamente feliz ao sintetizar seu processo de criação e sua incansável denúncia da violência contra a natureza. Durante o período de isolamento em seu ateliê em Nova Viçosa (BA), no Sítio Natura, ele começou, na década de 1970, a desenvolver suas esculturas-troncos, utilizando restos de madeira provenientes de queimadas provocadas pela ação humana.

Essas esculturas, apesar da beleza de suas formas, carregam os vestígios da devastação promovida no território. Em contraste com as formas das obras, há o predomínio dos pigmentos preto e vermelho, que o artista utiliza simbolicamente para representar o carvão e o fogo.

Figura 20 - Foto Do artista Krajcberg ao lado de uma de suas esculturas



Fonte: Disponível em: <

<https://www.bolsadearte.com/oparalelo/krajcberg-e-o-grito-para-o-planeta> >. Acesso em 05/01/2025.

²⁴ KRAJCBERG - O POETA DOS VESTÍGIOS, Dir. Walter Salles, 1986.

Tanto o trabalho de Krajcberg quanto o manifesto promovem reflexões sobre o meu próprio processo de criação. Essas reflexões me levam a pensar na maneira como pretendo trabalhar essas materialidades sob uma perspectiva estética e reflexiva sobre o território, abrindo-me a outro estado de sensibilidade e a uma maior expansão da consciência. Nesse sentido, o contato direto com o território, em sua estrutura social e natural, torna-se um canal para novas formas de ver, agir e pensar a arte, que rompa com sua tradição histórica realista, além de reafirmar a natureza como fonte de inspiração e criação para os artistas, como propõe o manifesto.

Ao mesmo tempo, é preciso chamar a atenção das pessoas para a destruição do planeta, resultado de um modelo de sociedade pautado pelo consumo e pela acumulação de riquezas, que a cada dia coloca em risco sua própria existência.

Quando reflito sobre o conceito de território, retomo sempre os pensamentos defendidos pelo professor Milton Santos, que propõe uma visão do território para além de uma simples delimitação física, entendendo-o como um espaço que se constitui e se transforma socialmente. A Estrada Real é um resultado de processos históricos e segue em constante transformação pela ação humana e de suas instituições. Os impactos historicamente recaem sobre comunidades de povos tradicionais e periféricas, evidenciando também marcadores sociais e raciais, como destacado anteriormente.

Ao começar a observar mais detalhadamente os materiais, percebo de imediato sua variedade de cores, texturas, formatos e cheiros. Como agregar e relacionar matérias tão distintas? É um desafio a ser pensado com calma no processo de criação.

As rochas que coletei possuem diversos tamanhos e formatos, mas o que mais me chama a atenção é a presença de um brilho dourado que reflete a luz, assemelhando-se ao ouro. Não poderia pedir nada mais poético e simbólico em um material. Evito usar o termo "pedra", pois, na geologia, o termo técnico mais adequado seria "rocha".

A fim de obter o melhor conhecimento sobre as rochas coletadas, converso com a Prof.^a Dr^a Ana Santana, que é geóloga e leciona no Instituto de Geociências (IGEO/UFBA), além de realizar pesquisas sobre a Estrada Real, fato que fez com que nos conhecêssemos pelas redes sociais. Durante uma conversa no instituto, entrego-lhe uma amostra das rochas para que seja realizada uma análise mais detalhada. A princípio, a professora diz que se trata de um metarenito, que advém do arenito, formado pela compactação de grãos de areia, num processo de metamorfismo ocorrido ao longo de milhões de anos. São rochas muito importantes na geologia, pois delas podem se obter informações para pesquisas sobre a história geológica do território.

Esse processo de metamorfismo ocorre quando uma rocha é submetida a condições de temperatura e pressão diferentes daquelas em que se formou originalmente. Esse processo pode levar a mudanças na composição mineralógica, alterando sua textura, estrutura e cor. Ao pensar sobre esse processo natural, reflito sobre como ele pode ser associado às transformações que ocorreram no território em decorrência do processo de colonização portuguesa que afetou e deixou marcas profundas nos povos originários, escravizados e na paisagem natural.

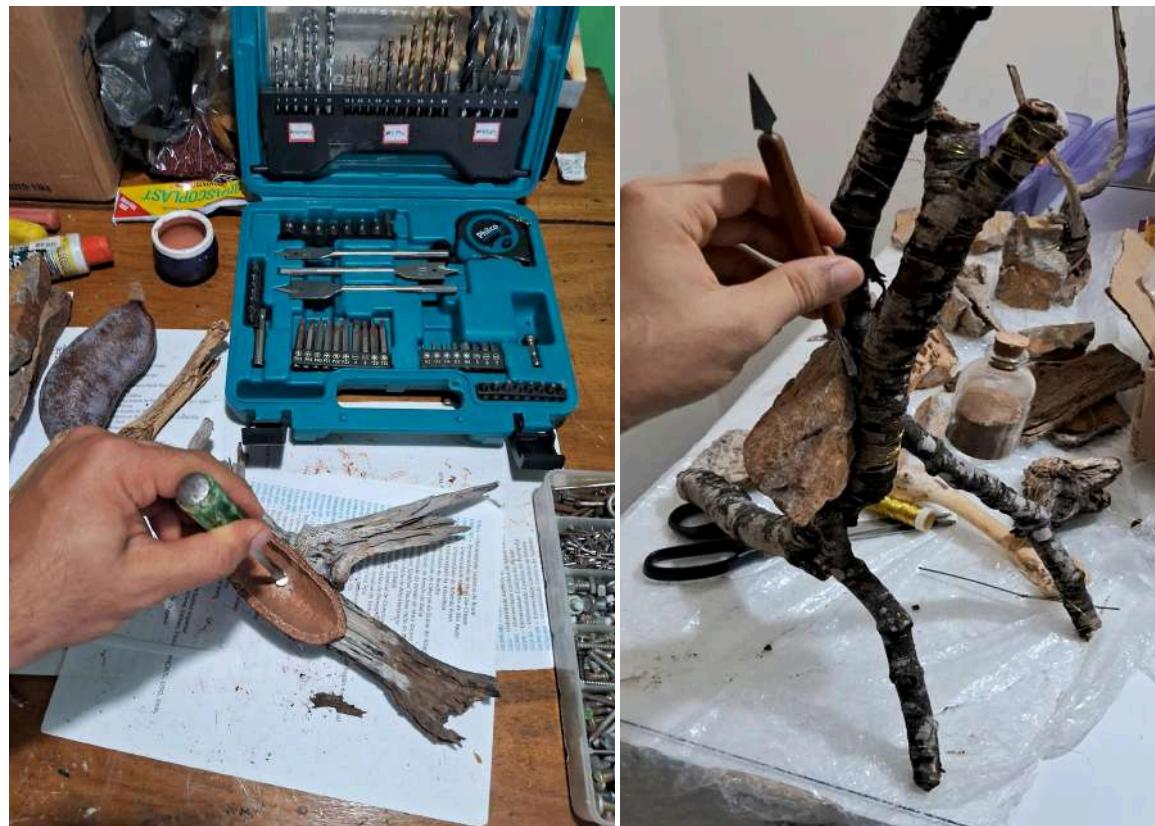
O conhecimento sobre o metamorfismo geológico também me influencia do ponto de vista escultórico, no processo de construção, na medida em que busco agregar esses diferentes materiais. Agora, sob a perspectiva das artes visuais, esses materiais ganham outras formas e um conceito, que busca, por meio de um processo geológico, discutir questões referentes à memória e à história do território.

Figura 21 - Foto de rochas (metarenitos) e galhos coletados na Estrada Real, 2023



Fonte: Arquivo do autor

Figura 22 - O artista realiza experimentações com os materiais coletados, 2023



Fonte: Arquivo do autor

2.4 SOBRE O OURO E SEU SINÔNIMO: A VIOLÊNCIA

Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o homem!

Heráclito de Éfeso

Numa segunda caminhada, busco ampliar os registros com o uso da tecnologia, utilizando o aplicativo para smartphone “Zeopoxa - Corrida”, que fornece dados como tempo percorrido, duração, altitude, entre outros. Esses dados técnicos, trazem informações extremamente relevantes para serem utilizados na construção de textos de artista sobre as obras a serem desenvolvidas.

Impossível caminhar agora pela estrada após tantas reflexões sem um olhar crítico sobre sua história. Pois já não sou o mesmo de antes e a estrada, apesar de parecer a mesma, não o é. Folhas já caíram, novas sementes brotaram, rochas se sedimentam.

Uma experiência interessante é caminhar pela estrada em diferentes estações do ano e perceber como a paisagem muda, criando um verdadeiro contraste de cores e volumes. Do verde intenso ao marrom acinzentado, a natureza, a cada ciclo, se renova e busca se curar do constante processo de degradação ocasionado pela ação humana.

Essas experiências provocam minha memória ao perceber a ausência das sempre-viva, espécies de flores típicas da região, que mesmo depois de colhidas, mantém por muito tempo sua forma e cor. Elas promoviam um colorido deslumbrante na estrada, mas se até elas que possuem essa capacidade de se “manter vivas” estão desaparecendo qual o destino se reserva aos outros seres que habitam o território?

Essa característica da sempre-viva é uma boa metáfora para pensar sobre a relação da memória com a experiência, que logo não poderá ser experienciada por outras pessoas, a não ser de forma narrativa, pois o objeto da

memória (sempre-viva) está desaparecendo. As pessoas que, no futuro, escutarem esse relato, poderão transformá-lo na ficção poética de uma artista.

A memória colonial neste território sofre algo parecido, na medida em que não se é estudada, discutida e criticada numa perspectiva contracolonial. É necessário abrir espaço para outras histórias e memórias, evitando que elas percam sua importância, sejam esquecidas ou substituídas ao longo do tempo por uma única narrativa ou por outros eventos históricos recentes.

Após percorrer alguns quilômetros, entre no trecho que faz fronteira territorial com o município de Rio de Contas (BA), que tem sua formação datada do final do século XVII, quando um grupo de pessoas escravizadas se estabeleceu na região formado um povoado, que foi denominado como “Pouso de Creoulos”, onde atualmente é a sede do município. O povoado servia de ponto de parada para viajantes que vinham de Goiás e norte de Minas Gerais com destino a Salvador.

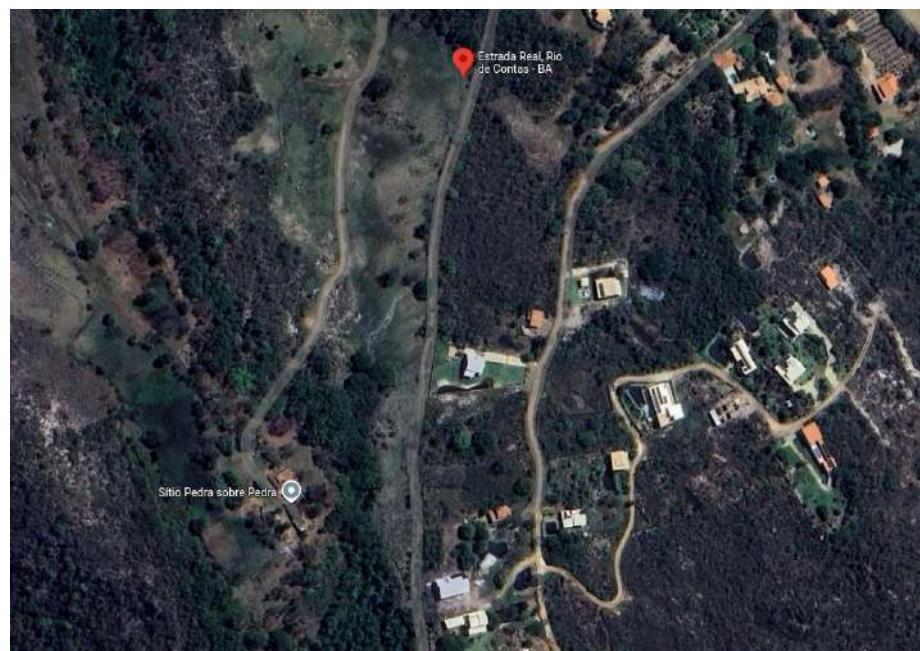
Neste trecho, é possível observar o surgimento de grandes propriedades de alto padrão que estão se instalando muito próximas à estrada, ocasionando uma descaracterização desse espaço e o aparecimento de grandes clareiras na vegetação natural. Se, no lado direito, há muros, no lado esquerdo o que predomina são cercas de arame farpado e grandes pastagens. Atualmente, ao longo da estrada, é mais fácil encontrar vacas do que micos, tatus, teiús e onças-pardas — esta última, inclusive, encontra-se sob grande risco de extinção. Nada pessoal contra as vacas, mas creio que até elas não gostam de estar ali, em um terreno irregular e pedregoso.

A criação de gado surgiu na região durante o século XVII, estimulada por uma mudança política no processo de colonização. A Coroa portuguesa encontrou na atividade pastoril uma forma de ampliar as ações de interiorização e domínio sobre o território, ocupando essas terras. A atividade também atendia à necessidade de suprir demandas da indústria do açúcar e da mineração em alimentação e tração animal. Além da carne e da montaria, o couro tornou-se um item de valor para exportação. Pela Estrada Real (de Rio de Contas a Jacobina), agora não passavam apenas ouro e diamantes; grandes rebanhos

também eram conduzidos. Esses locais de passagem também passaram a ser denominados “Currais da Bahia”.

Essa influência pastoril ainda é percebida na cidade de Rio de Contas (BA) e no sertão nordestino, onde diversos objetos são produzidos a partir do couro, movimentando toda uma cadeia produtiva. Lembro-me, ainda menino, de que a maioria dos móveis da casa dos meus avós era confeccionada em couro pelas mãos habilidosas do meu avô, que dominava a arte da curtificação do couro e da marcenaria, aprendida com seu pai. Creio que meu gosto e facilidade para trabalhos manuais venham dessa tradição.

Figura 23 - Foto de satélite de trecho de trecho da Estrada Real, com destaque no mapa em um ponto vermelho, Rio de Contas (BA)



Fonte: Google Maps

Ainda pensando sobre a origem dos nomes, me aproximo do Hotel Raposo e sou instantaneamente transportado a pensar na figura do bandeirante Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, a quem é atribuída a descoberta do ouro na região (1718-1719), tendo em sua homenagem um monumento na Praça da Matriz no centro do município de Rio de Contas (BA), conhecida pelo

perfume delicado das centenas de rosas coloridas que a ornamentam. Quem sente o perfume e conhece a história certamente percebe esse extremo contraste. Na imagem, o vemos de arma na mão em pose imponente, tendo ao fundo a bandeira do município. Diante da dimensão do monumento, temos de inclinar nossas cabeças para cima para observá-lo, quase como um ato de reverência. O fato de ter sido um escravocrata e assassino sanguinário é simplesmente ignorado (TEIXEIRA, 2021, p. 131). Penso que muitas das centenas de pessoas que passam diariamente por aquela praça podem ter alguns de seus antepassados como vítimas de sua violência e crueldade. Sua imagem como herói descobridor segue “intocada”, diante da falta de discussão, revisão histórica ou até mesmo conivência a quem essa versão dos fatos possa privilegiar.

Figura 24 - Monumento em homenagem a Sebastião Raposo, Rio de Contas (BA)



Fonte: Arquivo do autor

Em 2021, quando essa discussão sobre monumentos históricos se tornou mais presente com o incêndio da estátua do bandeirante Borba Gato em Santo Amaro (SP), onde um grupo de cerca de 20 pessoas ateou fogo ao monumento com a queima de pneus. Ação que dividiu a opinião pública, onde uma parte os

chamava de criminosos e a outra de revolucionários. O fato é que a ação abriu um debate sobre a história genocida do Bandeirante Borba Gato, que era ignorada, e como isso se refletia em uma série de outros monumentos na cidade de São Paulo como: o Monumento às Bandeiras (Parque do Ibirapuera), a estátua de Bartolomeu Bueno da Silva (Parque Trianon) e o Monumento a Pedro Álvares Cabral (Parque do Ibirapuera).

No livro ‘Brasil: uma biografia’, Lilian M. Schwarcz e Heloisa M. Starling discorrem sobre como a imagem dos bandeirantes se tornou símbolo do “espírito aventureiro e desbravador” e é a que prevalece na narrativa historiográfica do Brasil. Sobre isso elas dizem:

Os bandeirantes ficaram tão conhecidos na historiografia nacional que sua imagem, devidamente alterada, seria usada pelos paulistas, no começo do século XX, como um símbolo do “espírito aventureiro e intrépido da região”. Seriam exaltados, então, só suas benesses, e eles, descritos como destemidos exploradores do “perigoso sertão” e das riquezas minerais. Já a violência inerente à atividade, bem como a empresa de aprisionamento de indígenas, permaneceria esquecida. O fato é que o círculo vicioso montado nos idos dos séculos XVI e XVII era dos mais perversos: a escassez de mão de obra nativa levava à intensificação e interiorização de expedições, que faziam novos escravos e expunham populações indígenas a grande mortandade, por conta tanto das armas como das epidemias. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 47-48)

No ano de 2020, o Grupo Ação realizou uma intervenção urbana, instalando réplicas de crânios próximas à base do mesmo monumento. Essa ação, aparentemente sutil, mas extremamente simbólica e reflexiva, me estimulou a pensar em formas de discutir questões referentes à construção da memória e à narrativa histórica que se estabeleceu. Como nos lembra a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (1977), é só olhando para o passado que podemos perceber as contradições que existem no presente e, assim, buscar formas e meios de contar outras histórias.

Dessa forma, vislumbro na ação de extensão uma possibilidade de ampliar essa discussão, saindo de uma prescritiva individual do pesquisador para uma discussão coletiva, na medida em que se insere de forma direta a população do território em torno de ações artísticas no território de pesquisa.

Figura 25 - Intervenção artística. Grupo Ação, estátua de Borba Gato em São Paulo.



. Fonte: Disponível em: <

<https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1681464341394953-intervencoes-do-grupo-de-acao-em-monumentos-de-sp> >. Acesso em: 08/06/2024

Ainda durante a caminhada, sento-me à sombra de um jatobá a fim de fugir do calor escaldante. Pego o smartphone, abro o aplicativo e analiso os dados registrados até o momento. Um dado que me chama a atenção é o ganho de elevação, referente à altitude de quase 800m acima do nível do mar. Essa elevação é percebida também por uma leve mudança climática e de vegetação ao longo da caminhada. Essa elevação também é um dos motivos para esse trecho de estrada possuir um calçamento de pedras que ajudava no transporte dos mineiros, evitando que as mulas de carga escorregassem.

Algumas rochas presentes neste trecho da estrada possuem um brilho dourado que reflete a luz do sol, semelhante às que coleei na última caminhada. Impossível não associar neste contexto e local ao brilho do ouro.

Figura 26 - Print de dados obtidos no aplicativo Zeo Poxa Corrida durante caminhada pela Estrada Real (Livramento a Rio de Contas)



Fonte: Arquivo do autor

Ao longo dessas páginas é possível perceber que o ouro é sempre associado a violência, quase como um sinônimo. Na sua busca foram cometidas as maiores atrocidades deixando um rastro de sangue. Me pergunto se o problema realmente estaria na raridade do minério ou na frágil moral humana orientada por um pensamento eurocêntrico?

Essa percepção econômica do ouro foi trazida para a América com a colonização. Os povos tradicionais que habitam a América antes da chegada dos colonizadores como os astecas creditavam ao ouro um valor sagrado, pois seu brilho era associado ao Sol, sendo utilizado em rituais e oferendas. Com isso eles acreditavam que ouro não pertencia à terra, mas a sua representação divina que era o Sol.

Estudos recentes realizados pelos pesquisadores Dr. Matthias Willbold e Prof. Tim Elliott (Universidade de Bristol), em parceria com o Prof. Stephen Moorbat (Universidade de Oxford), publicados na revista *Nature* (2011), apontam que o que seria apenas uma crença dos astecas tem encontrado em

pesquisas científicas respostas para sua origem. Durante o processo de formação do planeta, há milhões de anos, meteoritos em forma de chuvas se chocaram com a Terra, trazendo consigo alguns metais, dentre eles o ouro. Como diz o Dr. Matthias Willbold:

O nosso trabalho mostra que a maioria dos metais preciosos, nos quais se baseiam as nossas economias e muitos processos industriais importantes, chegaram ao nosso planeta por uma feliz coincidência quando a Terra foi atingida por cerca de 20 bilhões de toneladas de material de asteroides.

Os “Comedores de terra-floresta” é o termo utilizado pelo líder indígena Davi Kopenawa para se referir aos garimpeiros que extraem ouro em terras Yanomamis. Para esses povos, é incompreensível como a ganância por esse minério corrompe os homens brancos, que destroem as florestas, matam os povos originários e espalham doenças.

Em 1990, em uma entrevista ao antropólogo Bruce Albert, Davi Kopenawa falou sobre as epidemias que estavam devastando o povo Yanomami devido à invasão de garimpeiros. Essas epidemias são chamadas de Xawara, e inicialmente acreditava-se que se propagavam sozinhas. No entanto, à medida que cresciam e se espalhavam, os Yanomamis começaram a perceber sua relação com o garimpo, pois o Xawara também é conhecido como *booshikë*, a “substância do metal”, que os brancos chamam de minério. Em um trecho da entrevista, Davi fala sobre como *Omamë*, o criador de tudo — da floresta, da terra e dos Yanomamis —, escondeu esse minério por ser perigoso:

[...] Omamë mantinha a xawara escondida. Ele a mantinha escondida e não queria que os Yanomami mexessem com isto. Ele dizia: "não! não toquem nisso!" Por isso ele a escondeu nas profundezas da terra. Ele dizia também: "Se isso fica na superfície da terra, todos Yanomami vão começar a morrer à toa!" Tendo falado isso, ele a enterrou bem profundo. Mas hoje os nabëbë, os brancos, depois de terem descoberto nossa floresta, foram tomados por um desejo frenético de tirar esta xawara do fundo da terra onde Omamë a tinha guardado. [...]

Essa fome (ambição) que guia os que "comem" a floresta parece ser insaciável, pois não é fisiológica. Mesmo diante do esgotamento do ouro, outros recursos continuam sendo devorados, como a terra e as águas mencionadas

anteriormente, pautada numa sociedade de consumo e capital.²⁵ “O capitalismo é o regime da exploração e concentração de riqueza; se deixado por sua conta, ele suga até a carótida da mãe.”²⁶ (Ferreira Gullar, 2011).

De passo em passo, sem pressa, sigo para o final deste trecho da estrada. O corpo já está um pouco cansado, e a fome começa a apertar, pois já passa do meio-dia. Olho para o meu tênis, coberto de poeira e barro impregnado. Faço uma foto e a dedico ao ilustre artista brasileiro Paulo Nazareth²⁷.

Os relatos presentes nesta caminhada foram extremamente importantes para a construção poética desta pesquisa. No mesmo ano, já distante do sertão e próximo ao mar, em Salvador (BA), durante a disciplina “Documentos de Percurso”, ministrada pela Prof.^a Dr^a Viga Gordilho, surgiu uma das primeiras materializações poética desta pesquisa na forma de uma instalação artística intitulada “Ensacar”, na qual inicio uma investigação sobre o transporte dos minérios extraídos da Estrada Real. Trazendo como elemento os sacos de linhagem²⁸, que remetem materialmente ao tecido dos sacos utilizados no transporte dos minerais, que eram carregados no lombo das mulas pela Estrada Real em direção à capital Salvador, de onde cruzavam o Atlântico com destino a metrópole portuguesa²⁹.

A instalação, composta inicialmente por sete sacos, é trabalhada individualmente na mistura de técnicas como desenho, pintura, transferência fotográfica e bordado, compondo visualidades únicas. Nesse momento, faço experimentações e “tramo memórias”, como quem tece redes e teias (SALLES, 2006), buscando estabelecer relações entre o passado e o presente em conceitos que dialogam sobre a história e o processo de formação do território. Essas memórias se materializam nesses sacos, que no passado transportavam riquezas, mas hoje, simbolicamente, acondicionam memórias adormecidas. Memórias essas que “escavo do passado”, onde coleto, bordo, colo e pinto, numa trama cartográfica de materialidades, linhas, formas, cores e silêncios.

²⁵ Ver capítulo 2.2 Sr. Brumado.

²⁶ Entrevista concedida em 2011 ao programa Roda Viva da Tv Cultura.

²⁷ Ver série Notícias de America, Paulo Nazareth.

²⁸ Saco confeccionado com tecido de algodão

²⁹E-BOOK Fósseis Poéticos: documentos de percurso, 2023. Cap. Memórias Reais, p. 30-35.

Essa instalação pôde ser vista pelo público em dois momentos distintos no ano de 2023. O primeiro foi na exposição “Fósseis Poéticos, Documentos de Percurso”, na Galeria do Aluno, EBA/UFBA. Essa mostra foi o resultado dos trabalhos desenvolvidos durante a disciplina e contou com a curadoria da Prof. Viga Gordilho. Em uma segunda oportunidade, foi exposta parcialmente em uma mesa de processos durante a “Ocupação - Mestrado PPGAV”, na Galeria Canizares, EBA/UFBA, que contou com a organização do Prof. Ricardo Bezerra e Ludmila Britto, além do texto curatorial de Ticiana Lamego.

A suspensão dos sacos por cordas em diferentes níveis promove um preenchimento espacial da instalação, onde os sacos não se mantêm estáticos, mas se movimentam com o vento. A iluminação escolhida num tom quente, busca ressaltar as cores e texturas da obra.

Figura 27 - O artista costura os sacos que iram compor a instalação



Fonte: Arquivo do autor

Figura 28 - Mesa de processos, instalação e objetos, 2023, Galeria Cañizares – EBA/UFBA



Fonte: Arquivo do autor

Figura 29 - “Ensacar”, instalação e objetos, 2023, Galeria do Aluno – EBA/UFBA



Fonte: Arquivo do autor



3.0 O TEMPO E SEUS OBSERVADORES:
UMA CONSTRUÇÃO POÉTICA

3.0 O TEMPO E SEUS OBSERVADORES: UMA CONSTRUÇÃO POÉTICA

Figura 30 – “Observadores do tempo nº 1”; Escultura; Osso, madeira, rocha e fio dourado, 18 x 31 x 8 cm, 2023



Fonte: Arquivo do autor

Figura 31 – “Observadores do tempo nº 2”; Escultura; Urucum, jatobá, osso, madeira, rocha e fio dourado, 6 x 26 x 16 cm, 2023



Fonte: Arquivo do autor

Figura 32 – “Observadores do tempo nº 3”; Escultura; Madeira, rocha, vidro, água de rio e fio dourado, 6 x 32 x 15 cm, 2023



Fonte: Arquivo do autor

Figura 33 – “Observadores do tempo nº 4”; Escultura; Madeira, rocha, arame, urucum, jatobá e fio dourado, 9,5 x 33 x 20,5 cm, 2024



Fonte: Arquivo do autor

Figura 34 – “Observadores do tempo nº 5”; Escultura; Madeira, rocha e fio dourado, 22,5 x 14 x 10,5 cm, 2024



Fonte: Arquivo do autor

Figura 35 – “Observadores do tempo nº 6”; Escultura; Madeira, rocha e fio dourado, 33,5 x 10,5 x 8 cm, 2024



Fonte: Arquivo do autor

Figura 36 – “Observadores do tempo nº 7”; Escultura; Madeira, rocha, vidro, terra, osso e fio dourado, 48 x 31 x 17 cm, 2024



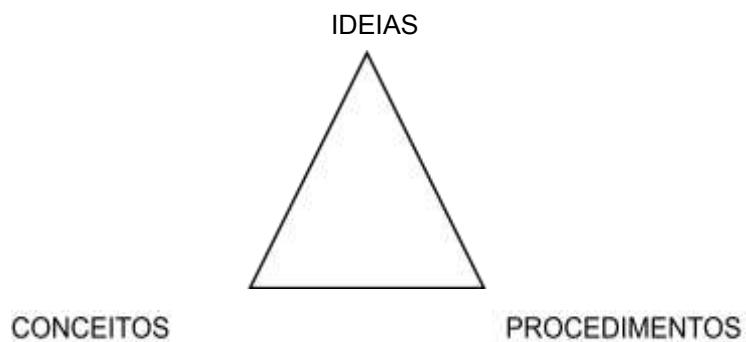
Fonte: Arquivo do autor

O processo criativo em sua construção poética é quase como uma digital única que cada pessoa possui, devido à sua complexidade por envolver fatores de natureza pessoal, como gostos, concepções, afetos, entre outros. Esse processo é um momento de muita introspecção, geralmente seguido de muitas horas e dias de trabalho árduo. Trata-se de uma ação em constante amadurecimento, onde, com o tempo, o artista começa a identificar padrões de trabalho, gostos e metodologias que o auxiliam em um melhor entendimento e desenvolvimento deste processo.

Tal como a pesquisa que se dá em um deslocamento, o processo criativo das obras visuais também perpassa entre territórios, mais especificamente entre os laboratórios da Escola de Belas Artes (Salvador) e o escritório/ateliê (Livramento). Nesse trânsito, em diálogos com meu orientador, Prof. Ricardo Bezerra, são realizados estudos sobre as poéticas de artistas que dialogam com meu processo, apresentados ao longo dos capítulos, e que me provocam a pensar sobre as particularidades do meu próprio processo.

No artigo "10 Apontamentos sobre Arte Contemporânea e Pesquisa", a Prof. Dr^a Sandra Rey, no apontamento nº 6, apresenta um diagrama em que aborda o estatuto dos conceitos na produção de arte contemporânea:

Figura 37 - Diagrama 1



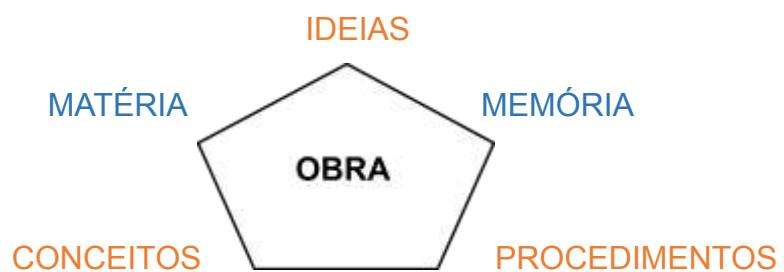
Fonte: Sandra Rey, 10 Apontamentos sobre Arte Contemporânea

Sandra Rey parte dessa tríade construtora para exemplificar como essas ações dialogam e podem conduzir o processo de produção, cabendo ao

artista/pesquisador entender que os conceitos trabalhados podem facilitar o diálogo e a análise do objeto ao estabelecer relações com o campo teórico. Durante o processo criativo, esses conceitos não são fixos e muito menos isentos de ambiguidades.

Baseado no diagrama da Prof. Sandra Rey, apresento um segundo diagrama que propõe nortear as ações do processo criativo desenvolvido durante a pesquisa prática em ateliê, oferecendo também ao leitor, de maneira didática, um meio para uma melhor compreensão desse processo. Neste diagrama, a palavra “obra” aparece no centro como elo, mas também está presente como objetivo final em todos os estágios, desde a concepção da ideia, matéria (vestígios coletados), conceitos estudados e procedimentos, que são as ações desenvolvidas, até chegar à materialização na forma de obras visuais em multilinguagens e técnicas, como esculturas, instalações e videoperformances.

Figura 38 - Diagrama 2



Fonte: Arquivo do autor

Em uma conversa com o artista Bené Fonteles sobre processo criativo ele me traz uma provocação muito interessante. Ele diz: “Fabrício, você já perguntou a estes materiais o que eles gostariam de ser?” A pergunta à primeira vista pode parecer muito subjetiva, mas é extremamente intrigante ao pensar sobre a importância da sensibilidade e intuição durante o processo. O artista de certa forma ele não se impõe sobre a natureza da matéria, mas a agrupa e a organiza dentro de um pensamento poético. O racional e a subjetividade

caminham juntas, se configurando como um exercício dialético pelo artista-pesquisador (REY, 2002, p. 135).

Na primeira série de obras que compõem a pesquisa, denominada "Observadores do Tempo", parto para o campo escultórico, onde me debruço sobre os vestígios físicos coletados. Agora com esses materiais catalogados, dou continuidade em sua análise.

Quando penso na noção de tempo presente nos materiais, eles ganham duas conotações metafóricas ao considerar seu tempo geológico e histórico. O geológico refere-se às mudanças na crosta terrestre, numa escala temporal muito ampla, de milhões e bilhões de anos. No tempo histórico, o foco é a existência humana no planeta, suas organizações sociais, cultura, política etc., numa perspectiva temporal muito inferior quando comparada à geológica.

Durante o processo criativo, às vezes tenho a impressão de que não escolho os materiais; eles parecem possuir um magnetismo, atraindo-se como imãs e se encaixando como peças de um quebra-cabeça. Creio que também seja sobre essa magia e subjetividade do processo que Fonteles se refere ao falar sobre a "escuta dos materiais".

Abro uma caixa, e espalho sobre a mesa pedaços de madeira, rochas, folhas, terra, água entre outros inúmeros materiais. Busco realizar as menores intervenções possíveis nos materiais, a fim de preservar suas características naturais de como foram encontrados, me empenhando apenas em desenvolver maneiras de uni-los. Inicialmente, utilizo cola de contato transparente e uma linha dourada de bordado como mero recurso técnico, que acaba ganhando outras conotações simbólicas e discursivas nas interpretações dos espectadores, onde formas começam a surgir, como a imagem de caravelas³⁰ e totens³¹. As linhas, além de refletirem a luz, criam um contraste de cor e causam a impressão de que algo precisa ou está amarrado a alguma coisa que não são os materiais ali dispostos.

³⁰ Embarcações desenvolvidas pelos portugueses nos séculos XV e XVI

³¹ Objetos que adquirem conotações simbólicas e espirituais, sendo utilizado em algumas culturas como objeto de culto e acesso a ancestralidade.

Alguns materiais utilizados na construção das esculturas buscam realmente trazer uma conotação metafórica, como o urucum, ossos e arame farpado, numa alusão a violência desse processo de colonização praticada contra os povos indígenas e negros.

O título desta série deriva do conceito apresentado anteriormente, que aborda a ideia de pensar os seres que habitam o território como portadores de memórias³², armazenadas em suas materialidades. Nesta percepção proposta, os seres habitantes do território seriam como observadores de ações e transformações ocorridas ao longo do tempo. Entende-se também a palavra 'seres' a partir da concepção dos povos originários, que abarca não só os seres vivos, como as árvores, mas também os inanimados, como as rochas e a terra. Percepção essa apresentada ao longo dos capítulos em pensamentos e citações de Ailton Krenak, Antônio Bispo e Davi Kopenawa.

O observador pode ser compreendido como aquele que presta atenção, que acompanha. Penso que, como artista/pesquisador, também me coloco nesse papel, mas como um observador participante. Sendo residente do território e parte do contexto da observação, é possível trazer uma perspectiva mais próxima, pautada na memória e na experiência.

Esta série é formada por 7 obras escultóricas numeradas de 1 a 7, com tamanhos e formatos variados, compostas pela assemblagem de diferentes materiais, desenvolvidas entre os anos de 2023 e 2024.

O número 7 é extremamente simbólico para diversas culturas, sendo constantemente associado à espiritualidade e à sabedoria. Gosto de sua relação com o tempo: os 7 dias da semana, a duração das fases da lua, os ciclos biológicos do corpo. Esses ciclos também estão presentes nas próprias materialidades que compõem as obras. Elas também representam o ciclo deste processo criativo, que tem na materialização destas obras não o seu fim, mas a abertura de possibilidades para novos.

³² Ver página 14.

Figura 39 - “Objetos vestígios”, Estrada Real, 2023.



Fonte: Arquivo do autor

Figura 40 - Experimentações realizadas como os materiais coletados, 2023.



Fonte: Arquivo do autor

No ano de 2024, esta série teve sua primeira exibição pública na “Ocupação Mestrado - 2024”, organizada por Junia Mortimer e Ludmila Pimentel, cuja proposta curatorial era a justaposição das obras reunidas como arquivos-vivos. A exposição teve sua abertura no dia 15 de outubro de 2024 e contou com a participação de oito discentes do PPGAV.

Com a proposta de romper com a tendência expositiva de esculturas sobre pedestais, o Prof. Dilson Midlej sugeriu que as esculturas fossem suspensas por fios de nylon. Essa solução promovia um efeito de flutuação, algo estático que mantinha proximidade com o solo, como uma pausa no tempo. Além disso, facilitava a visualização das esculturas por vários ângulos, destacando seus detalhes.

Figura 41 – Card de divulgação da exposição



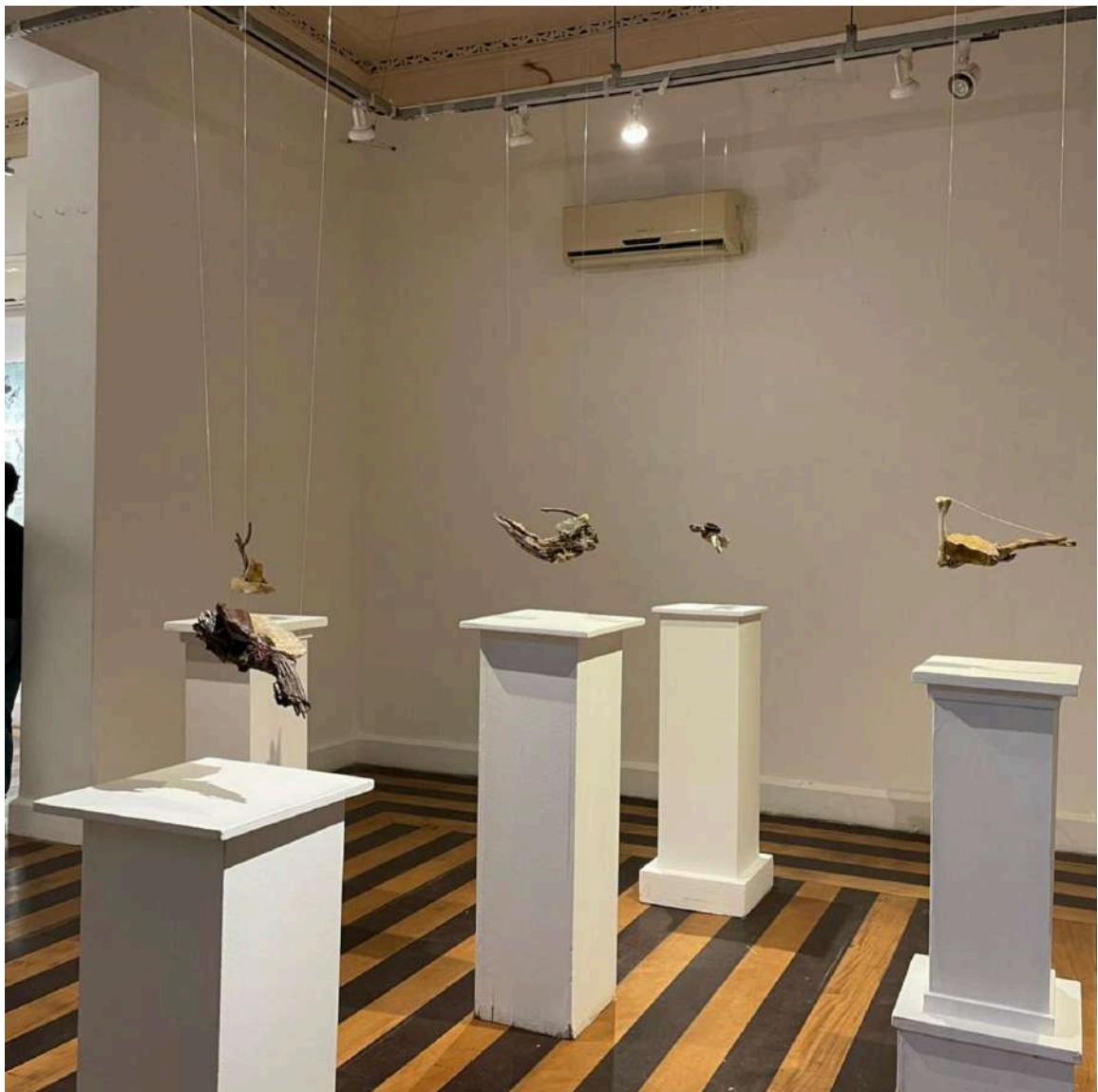
Fonte: Arquivo do autor

Figura 42 – Detalhe das esculturas suspensas sobre os pedestais



Fonte: Arquivo do autor

Figura 43 – Conjunto de esculturas expostas



Fonte: Arquivo do autor

3.1 CARTOGRAFIA ARTE E MEMÓRIA

Como estudante, desde que conheci a participar de projetos de extensão, me apaixonei pela possibilidade de poder desenvolver trabalhos para além dos muros da universidade, pesquisando e trabalhando com comunidades externas, fora da academia. Em 2023, com a abertura do edital de Extensão na Pós-Graduação pela PROEXT/UFBA, vi a possibilidade de poder desenvolver um projeto atrelado à pesquisa de mestrado, denominado: Estrada Real: cartografia, arte e memória.

A iniciativa de propor um projeto de extensão é justificada pela escassez de trabalhos e projetos científicos sobre a Estrada Real, especialmente no campo das artes e cultura. Além disso, uma boa parte da população local é indiferente e desconhece a história, memórias e o processo de formação deste território.

Um dos motivos para explicar a falta de interesse da população local pela história e memória da Estrada Real pode ser entendido pelo conceito de ‘descontinuidade cultural’, que é interdisciplinar e recorrente em diversas áreas do conhecimento. Esse termo descreve a perda ou a ruptura da relação identitária de uma cultura para com sua história e território. Ocasionado à ausência de um elo entre a sociedade do passado e o presente. Dessa forma, a Estrada Real é frequentemente entendida apenas como um local de lazer e turismo, o que gera uma relação ausente de afeto e identidade entre os indivíduos e o território. Onde o próprio processo de colonização é peça central nessa discussão.

O que pensam os moradores das cidades de Livramento e Rio de Contas sobre a Estrada Real? O que conhecem ou desconhecem sobre essa estrada? Esses questionamentos surgiram durante o processo de pesquisa, e o projeto de extensão surge como uma possibilidade de envolver e provocar a população local, convidando-a a ser agente ativa, crítica e construtora de saber e conhecimento junto ao pesquisador, dentro do tripé que forma a universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Neste contexto, o projeto propôs a realização de uma caminhada cartográfica pela Estrada Real, trecho de 6 km de extensão que liga os municípios baianos de Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas. A caminhada foi realizada no dia 21 de janeiro de 2024, com moradores das duas cidades onde, por meio de formulário online, foram selecionadas 25 pessoas para participação no projeto. Foram levados em consideração questões de gênero, raça, idade e ocupação, a fim de se ter um grupo de participantes diverso, com visões de mundo e experiências diferentes, contribuindo na troca de conhecimentos e experiências durante o projeto. Infelizmente, por motivos diversos, durante o processo algumas desistiram, tendo atuado de forma ativa 12 pessoas.

Foram elencados os seguintes objetivos para o projeto:

- Levantar dados sobre as memórias da Estrada Real a partir da perspectiva de seus habitantes.
- Provocar reflexões sobre processo colonial, memória e identidade.
- Produção coletiva de uma cartografia de memória sobre a Estrada Real.

Os participantes foram provocados a coletar e realizar registros gráficos, fotográficos e audiovisuais sobre as memórias da Estrada Real, durante a caminhada pelo território, a fim de se realizar uma coleta de dados e mapeamento para a construção de uma cartografia coletiva de memórias, isso visava fomentar e tencionar questões sobre o processo de formação deste território, marcado pela violência do processo colonial, tendo o método cartográfico e recursos das artes visuais, como desenho e fotografia, sendo o suporte desta construção coletiva, onde cada participante buscava desenvolver sua metodologia de coleta e mapeamento.

Algumas parcerias foram estabelecidas durante o projeto, com a imprensa local por meio de rádios comunitárias e sites de notícias que fizeram a divulgação e deram visibilidade ao projeto e pesquisa. Durante as caminhadas, o grupo foi guiado pelo brigadista Johnson Evangelista, da Brigada Guardiões Ambientais da Serra das Almas (GASA), que desenvolvem ações educativas de preservação, conscientização social e ambiental no território. Uma outra grande

parceria estabelecida foi com a Prof^a. Dr^a Ana Santana, do Instituto de Geociências (IGEO/UFBA), que também pesquisa sobre a Estrada Real, tendo se inscrito espontaneamente para participar no projeto ao acessar o card de divulgação nas redes sociais. Essa parceria com a professora possibilitou um maior conhecimento técnico sobre as rochas e minerais presentes na região, informações fundamentais durante as reflexões no processo de pesquisa prático em ateliê.

Os participantes apresentaram registros da fauna e flora da região, que expõem uma vista deslumbrante da Serra das Almas. Para além de registros naturais, o brigadista Johnson Evangelista apontou o local onde era ponto de parada das tropas, e disse já ter encontrado na mata farraduras e outros objetos manufaturados pertencentes possivelmente aos tropeiros e bandeirantes. Esse fato foi uma deixa para discutirmos sobre a imagem de idolatria ao bandeirante Sebastião Raposo.

Era possível perceber uma grande indignação por parte dos moradores de Rio de Contas que participaram do projeto, discussão essa que se desdobrou em uma frase provocativa presente na cartografia: Você conhece a ‘verdadeira’ história de Sebastião Raposo? A frase foi atrelada a uma arte digital da imagem do monumento. Alguns participantes realizaram registros audiovisuais de forma a narrar o percurso dando enfoque à dificuldade do percurso e à construção da estrada toda em placas de rocha, realizada com mão de obra de pessoas escravizadas. Outros foram mais sutis em suas coletas, captando sons e escrita de pequenos textos. Alguns não realizaram registros, se atendo mais à experiência vivenciada e à troca de conhecimentos durante as conversas, o que foi respeitado por todos.

O material mapeado pelos participantes foi, em sua maioria, no formato digital, como fotos e vídeos. Os poucos gráficos, como desenhos e textos, foram escaneados para o desenvolvimento da cartografia, que tem como formato final o digital. Durante as discussões em grupo, chegou-se ao consenso de que o armazenamento deste material em um site se mostrou o mais viável.

Com esse projeto, pode ser obtida uma maior participação e troca de conhecimentos do pesquisador para com a população que vive e habita o

entorno do território da Estrada Real, onde se passa o objeto desta pesquisa de mestrado em Artes Visuais na linha de processos criativos no PPGAV – EBA/UFBA.

Essa possibilidade de troca de conhecimentos e experiências foi muito enriquecedora para a pesquisa, na medida em que o desenvolvimento de uma cartografia de memória coletiva proporcionou um entendimento melhor da visão que esta população tem sobre o processo colonial, a memória e uma série de outras questões que foram surgindo durante o processo e que não estavam sendo discutidas ou abordadas da melhor forma na pesquisa.

No dia 26 de abril de 2024, foi lançado oficialmente o site do projeto, que foi desenvolvido na plataforma 46 Graus³³, tendo como endereço eletrônico: www.estradareal.46graus.com. Com a criação do site, espera-se alcançar outros públicos, ampliando o alcance das ações e contribuindo para a dinamização do projeto para além do eixo estadual. O site servirá como base de registro e consultas futuras, facilitando o acesso do público a essa produção de conhecimento.

Como pesquisador e natural da região, essa experiência me foi de grande valia, contribuindo imensamente para a pesquisa, não só na escrita da dissertação, mas também no processo criativo de desenvolvimento dos trabalhos práticos, como o encarte que envolve o livro de artista, que leva impresso essa cartografia de memórias construída durante o projeto. Construímos amizades, trocamos experiências e vislumbramos a possibilidade de colaborações futuras em mais ações a respeito do tema.

³³ www.46graus.com

Figura 44 - Card de divulgação do projeto de extensão



Fonte: Arquivo do autor

Figura 45 - Participantes fazendo registros durante caminhada pela Estrada Real



Fonte: Arquivo do autor

Figura 46 - Participantes durante caminhada pela Estrada Real



Fonte: Arquivo do autor

3.2 AÇÕES ARTE EDUCATIVAS EM TERRITÓRIO

Diante dos resultados satisfatórios obtidos no primeiro projeto, busco ampliar as ações artísticas e aprofundar ainda mais as discussões. Em colaboração com a arte-educadora Victoria Pitta e orientação do Prof. Dr Ricardo Bezerra, submeto um projeto ao Edital PIBExA – 2024 da PROEXT/UFBA. Este edital tem por objetivo fomentar propostas de experimentações artísticas que contribuem para a formação artística dos estudantes, estimulando a criatividade e processos experimentais, rompendo a lógica do mercado que massifica as produções artísticas.

O projeto ‘Estrada Real: ações arte educativas em território’, aprovado no edital e bem avaliado pela comissão, propôs a experimentação do desenvolvimento de ações de arte-educação no território da Estrada Real (Livramento – BA a Rio de Contas – BA), com a participação de moradores do território que, juntamente com o artista/pesquisador, desenvolveram ações que buscaram mencionar e promover reflexões sobre memória, história, período colonial, meio ambiente e identidade, a partir do paradigma da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais (BARBOSA, 2010).

As ações foram divididas em três eixos:

- **Intervenções artísticas:** ações em espaços públicos das cidades de Livramento e Rio de Contas (BA), com a colagem de lambs³⁴ contendo frases e símbolos que provoquem reflexões sobre a história e processo de formação do território.
 - **Instalações:** obras de caráter temporário inspiradas na *Land Art*³⁵, compostas por materiais coletados pelos participantes na Estrada Real. Essas instalações têm o objetivo de chamar a atenção para a preservação tanto patrimonial da estrada quanto do meio ambiente.
 - **Performances:**

³⁴ Cartaz de papel colado com cola sobre superfícies, podendo possuir diversos tamanhos e formatos.

³⁵ Termo criado cineasta alemão Gerry Schum em 1969, como forma de se referir a projetos e obras artísticas que se utilizavam de espaços e recursos naturais em sua realização.

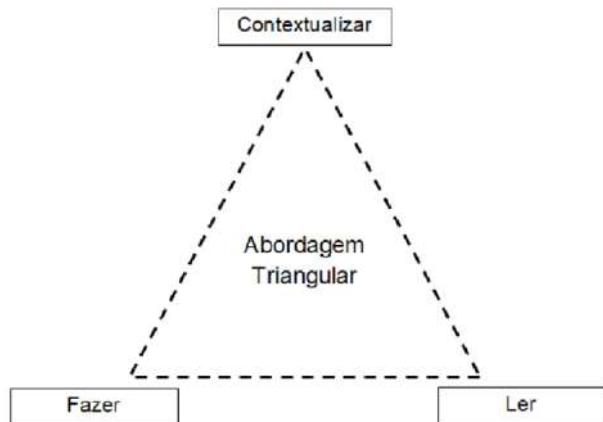
1. Caminhada coletiva pelo território, numa rememoração do caminho percorrido pelos povos indígenas e escravizados durante o período Colonial. Durante o percurso, serão marcadas cruzes vermelhas nas árvores com tinta natural de urucum, que desaparece com o tempo, como uma forma de chamar a atenção para a violência e o apagamento cometidos contra esses povos.
2. Caminhada coletiva para o plantio de árvores nativas ao longo do território. Cada árvore denominada de “observador do tempo” simbolicamente representará milhares de outras que foram derrubadas na extração dos minérios. As árvores plantadas serão mapeadas, formando uma cartografia digital cujo traçado remete ao trajeto percorrido.

A inspiração para para a realização destas ações advém da reflexão anterior a respeito do trabalho desenvolvidos pelas cutias³⁶, que atuam como verdadeiras “jardineiras da natureza”, quando de forma despretensiosa plantam sementes e contribuem no ciclo de vida das árvores. Com essas ações, surge a possibilidade de não só coletar vestígios, mas deixar ‘rastros’ que possam promover reflexões de forma poética, num pensamento contemporâneo sobre a arte.

Pensando numa abordagem metodológica para apresentar e aplicar essas ações propostas aos participantes e ao público fruidor (população do território), foi utilizada a Abordagem Triangular, proposta pela Prof.^a Dr^a Ana Mae Barbosa. Essa abordagem propõe, a partir da imagem do triângulo, caminhos para uma construção metodológica de ensino dialógica, eclética e crítica, que busca promover o pensar, o questionar e transformar as coisas e a nós mesmos.

³⁶Ver capítulo 1.2, pag. 34.

Figura 47 – Diagrama da Abordagem Triangular de Ensino das Artes Visuais.



Fonte: Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/368800369_Conhecimento_ciclo_do_conhecimento_e_ensino_da_Arte_no_Brasil>. Acesso em: 09/06/2024.

No primeiro e segundo pontos do paradigma, "ler" e "contextualizar", aplicam-se estudos coletivos sobre o processo de formação do território, o contexto geográfico e histórico no qual a população está inserida. Para isso, utilizam-se reportagens, livros e conceitos discutidos e abordados na dissertação por autores como Milton Santos, Chimamanda Ngozi Adichie, Francisco Lima Cruz e Antônio Bispo. Esses estudos contaram com a mediação da arte-educadora Victória Pitta, parceira no projeto. Já no terceiro ponto, "fazer", que se refere ao "fazer artístico" por meio da prática, onde foram desenvolvidas as ações arte-educativas propostas.

Um dos objetivos do projeto foi desenvolver nos participantes, por meio das atividades, uma “curiosidade epistemológica”, indo muito além da mera apreensão de conhecimentos, mas promovendo uma busca ativa na construção de um conhecimento sistemático e reflexivo. O professor Paulo Freire, um dos grandes pesquisadores do tema, sempre ressaltava a importância desta prática no processo de ensino-aprendizagem e na construção de um pensamento pautado na crítica e na autonomia.

Nos meses de julho e setembro de 2024, foi dado início ao processo de experimentação das ações de instalação e performance, desenvolvidas no

território da Estrada Real, com a presença dos participantes. Nessas ações, o grupo foi guiado pelo brigadista Johnson Evangelista, da brigada Guardiões Ambientais da Serra das Almas (GASA), parceiro do projeto. Johnson compartilhou com os participantes seu conhecimento e experiências a respeito da fauna e da flora da região, além de ações desenvolvidas pela brigada, o que foi um momento importante de troca de saberes. Sobre isso ele diz:

Há mais de 12 anos realizamos diversas atividades na estrada, desde ações como a instalação de placas, visitas guiadas, atividades em escolas, coleta de lixo e combate a incêndios. A estrada é um local rico em biodiversidade, repleto de flores, animais e cachoeiras que precisa ser preservado. Eu como educador ambiental e morador da cidade de Livramento (BA), acredito que essas ações são muito importantes para chamar a atenção das pessoas sobre a importância dela como patrimônio que faz parte da história do Brasil colônia.

A maioria dos participantes desconhecia o que eram instalações artísticas e performances, pois fogem do que “tradicionalmente” é entendido como arte, sendo uma experiência nova para todos.

Figura 48 – O brigadista Johnson e uma das crianças participantes do projeto plantam árvores na Estrada Real, Rio de Contas (BA)



Fonte: Arquivo do autor

Figura 49 – Foto a esquerda de cartografia construída a partir do plantio das árvores pela Estrada Real, do lado esquerdo uma foto de uma das árvores, Livramento a Rio de Contas (BA), 2024.



Fonte: Arquivo do autor

Figura 50 – Foto dos participantes durante momento recreativo na Cachoeira do Raposo, Estrada Real, Rio de Contas (BA).



Fonte: Arquivo do autor

Figura 51 – Mosaico de fotos de performance realizada na Estrada Real, Livramento (BA).



Fonte: Arquivo do autor

Na ação performática de pintura das cruzes vermelhas, foi constatado um preconceito por parte de visitantes que se deparavam com as cruzes ao longo da estrada, que eram associados a rituais de religiões de matriz africana. Comportamento semelhante ocorreu com a instalação de “memórias em suspensão”, quando foram penduradas rochas em árvores por pequenos fios dourados ao longo da estrada. Este fato aponta para a necessidade da

realização de ações que busquem combater o preconceito e a intolerância religiosa.

Figura 52 – Memória em suspensão, instalação artística desenvolvida em árvores da Estrada Real, Livramento a Rio de Contas (BA), 2024.



Fonte: Arquivo do autor

Na ação de intervenção pelas cidades, especificamente no município de Rio de Contas (BA), cujo centro histórico é tombado, houve uma dificuldade em encontrar locais para a colocação dos lambs, sendo restringida a colocação em postes. Insatisfeito com esse resultado, busquei desenvolver um QR CODE com link para as imagens dos cartazes que foram colados em árvores no percurso pela Estrada Real durante a caminhada coletiva para recolher lixo e realizar o plantio das árvores. Dessa forma, os turistas e moradores poderão acessar esse trabalho desenvolvido com seus smartphones.

Durante as ações no mês de setembro, esperava-se um maior número de participantes, mas ocorreu um esvaziamento nas ações de coleta de lixo e plantio de mudas (observadores do tempo) para o mapeamento cartográfico na Estrada Real, devido a eventos de natureza política, relacionados às eleições municipais. Apesar de esta ação ter contado apenas com a participação de 8 pessoas, foi muito prazerosa e inspiradora ver as crianças muito empolgadas

com o plantio das árvores, que já programavam a data de retorno para ver seu crescimento.

Figura 53 – Qr code colados em árvores pela Estrada Real, Livramento a Rio de Contas (BA)

2024.



Fonte: Arquivo do autor

Figura 54 – Lixo coletado durante as ações do projeto, 2024.

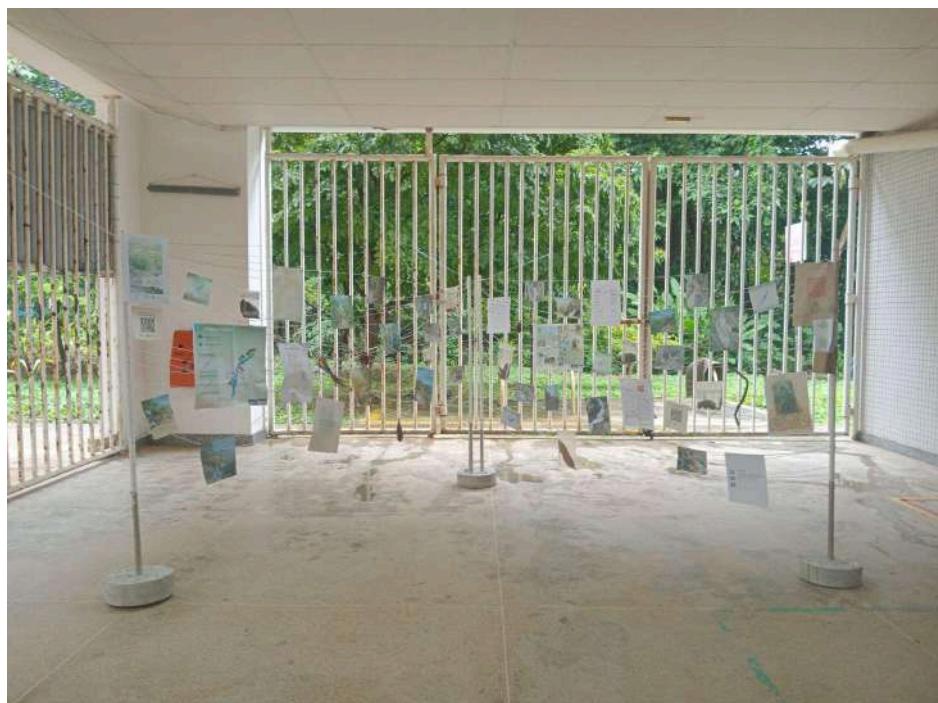


Fonte: Arquivo do autor

Finalizadas as ações de experimentação, foram realizadas reuniões de discussão em grupo sobre os resultados alcançados e a seleção do material para a produção de uma ocupação que ocorreu durante Congresso UFBA 2024, que apresentou para comunidade universitária e público externo um mostra das ações desenvolvidas de forma lúdica e interativa, com a utilização de fotos, QR CODES, objetos, folder, onde com um barbante ia se dando a forma de uma trama.

Penso que as ações contribuíram nas cidades de Livramento e Rio de Contas (BA) para fomentar discussões e tensionar questões sobre a memória e a história da região. Durante esses meses de duração do projeto, pude perceber a satisfação das pessoas com as ações que estávamos desenvolvendo. No Instagram e nos grupos do WhatsApp, onde uma parte desse projeto era compartilhada, havia um grande engajamento e curiosidade a respeito das atividades. Tudo isso contribui para um maior conhecimento da população sobre o processo colonial, que ainda é muito pouco discutido, além do impacto que isso tem no processo de formação do território.

Figura 55 – Vista frontal de instalação realizada durante o Congresso UFBA, 2024.



Fonte: Arquivo do autor

Figura 56 – Mosaico de fotos de instalação realizada durante o Congresso UFBA, 2024.



Fonte: Arquivo do autor

3.3 (IM)PEREGRINAÇÃO

Uma das questões que mais surgem durante a pesquisa é: como desenvolver uma metodologia em que, de forma poética, se possa coletar e acessar as memórias deste território?

Em meio a essa inquietação, começo a escrever o projeto (im)peregrinação, que foi selecionado no edital Produção Audiovisual Web, Lei Paulo Gustavo, SECULT/BA, Governo Federal. Projeto esse que passou a nomear uma série de trabalhos que encontraram no ato performático sua forma de materialização artística. Onde, por meio da produção de vídeo-performances, busca-se questionar, coletar e dar visibilidade às memórias e histórias do território, numa ação de “rememoração”, em alusão ao trajeto percorrido durante o período colonial brasileiro pelos povos indígenas, povos escravizados, tropeiros e bandeirantes. Sendo o título do projeto a junção do prefixo ‘IM’ com as palavras impregnar e peregrinar, que também nomeiam respectivamente as duas vídeo-performances: Impregnar e Peregrinar.

O projeto contou com uma equipe de profissionais de diversas áreas artísticas composta por:

- Fabrício Dias Medeiros – Diretor e performer
- Juliana Bispo Santos – Produtora executiva
- Victoria dos Santos da Rocha Pitta – Direção artística e figurino
- Valdeir Silva dos Santos – Direção de fotografia, câmera e edição
- Beatriz Souza Cruz – Assistente de produção

Poder contar com uma equipe e financiamento para a realização deste projeto faz total diferença na sua concretização, com o uso de equipamentos modernos e estrutura. Fato que é raro no campo das artes quando comparado a outras áreas do conhecimento. Neste sentido, pode-se perceber a importância de editais públicos que fomentem a realização de pesquisas e ações artísticas/culturais para um maior incentivo na produção e compartilhamento destes conhecimentos.

3.4 IMPREGNAR

A realização da performance Impregnar foi uma das ações artísticas mais desafiadoras desta pesquisa por conta de sua logística e metodologia de execução, sendo necessária a realização de uma pré-produção e visita técnica ao local com a equipe do projeto.

Logo depois de realizado todo o planejamento inicial, na manhã do dia 26 de junho de 2024, foi executada a performance, que foi acompanhada pela equipe. Nesta performance, juntamente com a diretora de arte e figurinista do projeto, Victoria Pitta, foi pensado um conjunto de vestes brancas, compostas por camisa de manga longa e calça, confeccionadas em tecido tricoline 100% algodão.

Com as vestes, percorri descalço e a pé o trecho de Estrada Real de 6 km de subida pela Serra das Almas (Livramento-BA a Rio de Contas-BA). Ao mesmo tempo em que caminhava, coletei de forma poética os “rastros e vestígios de memória” presentes no território, que ficaram impregnados nas roupas brancas, como: a terra, poeira e suor.

Dessa forma, abro espaço para a percepção livre dos sentidos sobre o território. Esfrego minhas mãos na terra, jogo o pó para cima, me arrasto e rolo sobre o solo. Sinto cheiros que não são tão perceptíveis quando se é um ser bípede caminhando sobre o território. Abraço árvores e me esfrego sobre rochas, ouço o vento assobiar e transpassar meu corpo. São tantas sensações e experiências que é até difícil descrevê-las de forma clara e racional, isso sem levar em conta a carga energética e espiritual de se caminhar por um local que foi palco de barbárie e violência.

O corpo aqui se torna um instrumento da prática artística, o caminhar uma forma de acessar e se relacionar como o espaço e as roupas o suporte da ação.

Como afirma Jorge Glusberg, a manifestação artística da performance está relacionada a uma pantomima³⁷, ao considerar o uso do corpo como instrumento de expressão do artista, por meio de situações, gestos ou ações

³⁷ Com origem na Grécia Antiga, a Pantomima é uma arte cênica que se utiliza de gestos, movimentos e expressões para construir narrativas sem o uso de palavras.

muitas vezes não verbais. Para ele, esse uso permite que os artistas superem questões tradicionais da arte ligadas a formas e materiais, transformando o corpo em uma ferramenta de reencontro consigo mesmos (GLUSBERG, 2013).

Em pouco mais de duas horas de caminhada em um dia ensolarado, o corpo sente o desgaste e as roupas, que no início estavam brancas, agora estão impregnadas de “vestígios”. O céu parece mais próximo e bem mais azul! Diante da diferença de pressão tenho a sensação de meus ouvidos estarem tapados. Ao caminhar é preciso atenção para não escorregar nas rochas polidas.

Durante a performance, passam por nós alguns turistas que ficam intrigados com a ação, diante da surpresa desse encontro repentino na estrada.

Em alguns trechos, abro a vegetação com as mãos e, no mesmo instante, sinto o aroma característico do “cravo-do-mato”. Conheço-a mais como “a planta que vive sobre outras plantas”. À primeira vista, essa descrição pode sugerir uma relação parasitária entre as espécies, mas não é o caso. As árvores, rochas e até os fios da rede elétrica funcionam como suportes de sustentação para o cravo, que possui a incrível capacidade de absorver nutrientes diretamente da água e do ar.

Essa característica do cravo descreve perfeitamente a proposta da ação performática. A palavra "absorver" carrega o significado de incorporar algo, tanto no sentido material — quando penso na poeira, na água e no musgo que impregnam minhas roupas — quanto no sentido imaterial, presente nas experiências assimiladas ao longo do deslocamento.

A paisagem natural é de uma beleza deslumbrante, sendo a estrada uma espécie de corredor estreito que corta toda essa paisagem. A quase mil metros acima do nível do mar as coisas ganham outra dimensão, a cidade de Livramento (BA) projetada abaixo parece insignificante. Nas imagens aéreas feitas por drone, é possível ter uma dimensão de nosso tamanho frente a essa grandiosidade que é a natureza.

Todo o processo foi fotografado e filmado pela equipe do projeto, sendo esse material fotográfico e audiovisual, juntamente com as vestes, os únicos registros da ação performática.

Figura 57 – O artista durante performance em trecho da Estrada Real, Livramento (BA), 2024.



Fonte: Beatriz Souza Cruz

Figura 58 – O artista coleta em sua roupa os “vestígios de memória” do território, 2024.



Fonte: Beatriz Souza Cruz

Figura 59 – Vídeo-performance Impregnar, 2024



Impregnar - Projeto (im)peregrinação, 2024

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0pbbh-wbyml>

3.5 PEREGRINAR

Na segunda performance, que foi realizada no dia 27 de junho, foi escolhido um trecho de margem do Rio Brumado, em Rio de Contas (BA), conhecido como a “Cachoeirinha do Raposo”³⁸.

A performance se inicia por volta das 9:00 horas da manhã com a preparação de uma tinta de urucum em uma bacia de alumínio, utilizando a água do rio. Recolho cascalho no rio e rochas próximas à margem. Lavo-os com a tinta e os coloco, um a um num saco de tecido de sacaria cor creme. Trajando um conjunto de vestes brancas semelhantes às utilizadas na performance anterior, percorro a pé um trecho de 8 km de extensão carregando comigo o saco. A caminhada segue por trechos da Estrada Real até chegar ao município de Livramento (BA). Durante o percurso, são realizadas paradas para coletar materiais como folhas, rochas, galhos, entre outras materialidades, que são armazenadas no saco.

Essa ação busca “rememorar” a experiência de uma parte do trajeto percorrido pelos povos escravizados no transporte do ouro pela Estrada Real, que tinha como destino os portos da capital. Durante o percurso de ação da performance, a água com urucum escorre pelo saco, deixando um rastro vermelho temporário pelo território, numa referência às ações violentas e sanguinárias cometidas contra os povos indígenas e escravizados durante o período colonial.

O performer durante uma ação se utiliza de todos os sentidos, e essa ação produz significados (GLUSBERG, 2013). Sob essa perspectiva, embora as ações possam envolver um caráter intuitivo em sua execução, é insuficiente considerar que todo o processo se baseie apenas na intuição. Isso se evidencia ao refletirmos sobre a complexidade dos conceitos que essas ações desenvolvem ou provocam.

³⁸ Nome em referência a proximidade com o hotel.

Apesar da semelhança semântica com a palavra espetáculo, a performance artística não pretende apenas apresentar algo como diz Jorge Glusberg:

[...] Contudo a performance não consiste meramente em mostrar ou ensinar; ela envolve mostrar e ensinar com um significado. A carga semiótica da performance está enraizada nessa espécie de apresentação: ela não existe porque o objeto é um signo, mas porque ela se torna um signo durante o curso de seu desenvolvimento. [...] (GLUSBERG, 2013, p. 73)

Diferente da performance "Impregnação", em "Peregrinação" busca-se fazer o trajeto tendo como ponto inicial o município de Rio de Contas (BA), no sentido de descida pela Serra das Almas.

Como na performance anterior, foram realizados os registros em foto e vídeo para posterior edição na produção da videoperformance.

Figura 60 – Mosaico de fotos do artista durante performance na Estrada Real, Rio de Contas (BA), 2024.



Fonte: Beatriz Souza Cruz

Figura 61 – Vídeo-performance *Inperegrinação*, 2024



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TPs9nFtx4KU>

Uma grande referência para este projeto é a série "Notícias de América" do artista Paulo Nazareth (Figura – 13), que parte da comunidade de Palmital, na periferia de Belo Horizonte, calçando apenas uma sandália de borracha, com destino a Nova York. Durante essa longa caminhada, que durou sete meses, o artista desenvolveu uma série de experimentações e ações artísticas ao longo do caminho, tendo como ponto de culminância o Rio Hudson, nos Estados Unidos, onde ele lava os seus pés pela primeira vez durante a caminhada, removendo "a poeira da América Latina" que foi coletada em seus pés.

Paulo se destaca como um artista multilinguagem, entendendo sua poética como uma forma de estar presente no cotidiano das pessoas e, a partir desse contato, criar ações que promovam reflexões e críticas sobre esses cotidianos. Questões sociais, raciais e antropológicas ganham destaque em sua obra, e a performance se apresenta como uma espécie de imersão na vida, cultura e história das comunidades e territórios com os quais ele entra em contato por meio de seus deslocamentos.

O ato de caminhar ocupa um lugar central e significativo em sua metodologia poética, presente em outros trabalhos, como "Cadernos da África", iniciado em 2012, quando o artista realiza caminhadas pelo continente africano e

pelo Brasil. Nessa busca, Paulo reflete sobre questões como: o que há de África em sua casa? E o que há de sua casa na África?

Figura 62 - “Notícias de América”, Paulo Nazareth, fotografia digital, 2011.



Fonte: Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/paulo-nazareth-sem-titulo-da-serie-noticias-de-america>>. Acesso em: 27/01/2024.

Em outro referencial artístico extremamente marcante, denominado "The Collector", o artista belga Francis Alÿs confecciona uma espécie de cachorro de brinquedo magnético, que ele puxa por uma corda durante suas caminhadas pelas ruas do centro da Cidade do México. Ao mesmo tempo em que caminha, coleta objetos de metal que são atraídos pelos ímãs presentes no objeto construído. Ao final, o resultado de sua obra é o registro dessas ações, os objetos coletados e as experiências vivenciadas.

Alys encontra no caminhar e na performance uma forma de estudar e documentar o território, utilizando o vídeo como sua principal ferramenta de registro, considerando a efemeride das ações que realiza.

Figura 63 - “The Collector”, Francis Alys, 1990-1992.



Fonte: Disponível em: <
<https://www.whitechapelgallery.org/support-2/art-icon/art-icon-2020-francis-alyss/attachment/from-the-collector-1990-1992-mexico-city-9-crop/>>. Acesso em: 06/02/2024.

No artigo ‘Caminhar como poética’, a pesquisadora Vera Maria Bagatoli traça uma análise do caminhar como um elemento construtivo na elaboração de poéticas artísticas, analisando as obras do artista visual Francis Alys (1959) e do poeta Charles Baudelaire (1821-1867). Tendo como fio condutor o ato de caminhar como um mecanismo de coleta indispensável para a construção e elaboração das obras desses artistas. Após discorrer sobre essa análise, Bagatoli conclui que o que torna o caminhar um elemento poético não é a ação em si, mas as conexões que o artista estabelece entre sujeito, espaço e tempo, e a capacidade do artista de materializar essas experiências e inseri-las no contexto artístico.

Ambos os artistas levantam questões sobre a desmaterialização do objeto de arte, valorizando o processo em detrimento do resultado estético final. Além disso, compreendem a dimensão do corpo na performance e no caminhar como uma proposição metodológica para sua construção poética, à medida que buscam estudar, coletar e documentar essas experiências como uma forma política e social da arte.

Essas questões estão presentes na série "(im)peregrinação", onde não é gerado um objeto estético ao final, diferentemente da série "Observadores do Tempo". O ato performático e as relações estabelecidas durante a ação constituem a obra de arte em si, registrada em foto e vídeo para posterior apresentação ao público. Além disso, o caminhar se apresenta como o meio pelo qual é possível estabelecer uma comunicação com o território.

O público teve seu primeiro contato com as vídeo-performances do projeto em sessões públicas de exibição realizadas nas cidades de Livramento e Rio de Contas (BA), durante as sextas-feiras e sábados do mês setembro de 2024 em escolas públicas, espaços culturais e praças. As sessões foram compostas por estudantes de escolas públicas e pela população local. Ao final de cada exibição, era realizado um bate-papo com a equipe do projeto.

Essas sessões gratuitas foram uma forma de ampliar o alcance da população à produção audiovisual e artística, proporcionando um momento de fruição estética, lazer e entretenimento. Além disso, buscavam facilitar o acesso de pessoas com dificuldade em utilizar plataformas digitais ou que não possuíam internet e equipamentos eletrônicos para esse acesso em casa. Para muitos espectadores, foi o primeiro contato com a produção e pesquisa em arte contemporânea. Inicialmente, a obra causava certo estranhamento, especialmente pelo fato de o performer caminhar descalço ou realizar ações vistas como incomuns, como rolar pelo chão, jogar poeira para cima, se esfregar sobre rochas, entre outros.

Durante o bate-papo o público falava sobre suas impressões a respeito do tema e de como era importante discutir sobre isso. Alguns professores da rede pública solicitaram acesso às vídeo-performances para poder compartilhar com seus estudantes. Os vídeos foram elogiados pela sua edição, fotografia e preocupação com a acessibilidade.

Figura 64 - Fotos de algumas sessões de exibição realizadas respectivamente nas cidades de Livramento e Rio de Contas (BA).



Fonte: Douglas Dias

3.6 O LIVRO, AS MEMÓRIAS E O ARTISTA

Desde criança, sempre gostei de livros. Comecei como muitas pessoas, pelos tradicionais gibis, e não parei mais. Acredito que foi uma das primeiras formas de acesso às artes que tive, apesar da dificuldade em conseguir acessar livros em uma cidade do interior da Bahia, como Livramento, que possuía apenas uma única banca de revistas, a qual não tardou a fechar as portas pela falta de leitores. Realidade essa não muito diferente da do restante do Brasil.

A produção ou publicação de um livro é um marco muito importante para diversas áreas da ciência, e nas artes visuais não é diferente. Na arte contemporânea o estudo, pesquisa e produção de livros de artista vêm ganhando cada vez mais uma grande notoriedade, sendo entendido como uma área de atuação artística e ao mesmo tempo como um produto da pesquisa poética do artista.

A partir de experiências conceituais nos anos 60, o conceito de livro de artista começa a ganhar destaque com o movimento conceitualista, que buscava um tensionamento das noções tradicionais da arte numa maior valorização da ideia em detrimento da forma. Nesse cenário histórico o livro de artista começa a ter legitimidade como conta o Prof. Paulo Silveira em trecho do livro “A página violada: da ternura à injúria na construção de livro de artista”:

[...] As evidências demonstram que podemos retroceder no tempo quase indefinidamente na busca da origem do livro de artista. É um fato: a Caixa verde, de Marcel Duchamp (1934), é um claro livro de artista (ou, mais especificamente, livro-objeto). Assim como também o são os livros de William Blake, publicados entre 1788 e 1821, ou qualquer dos cadernos de Leonardo da Vinci, executados no século 15 e começo do 16, sem possibilidade de publicação. Retroaplicar conceitos nos permite ir até onde quisermos. Porém é no final do século 20 que o entendimento da autonomia desse tipo de obra de arte é legitimado. Principalmente a partir dos anos 60, pela mutação causada pela companhia do conceitualismo, com a sua maior divulgação nos anos 70, época de grande incremento dos canais internacionais de informação e da consoante multiplicação de considerações teóricas [...] (SILVEIRA, 2008 p. 30)

Desde o pré-projeto desta pesquisa havia o desejo da produção de um livro. Desejo que foi amadurecendo durante as disciplinas ofertadas no PPGAV/UFBA, especificamente, Tópicos Especiais: o Avesso da Página e Olhar, Narrar, Pensar, Catalogar: Quatro Abordagens dos Livros de Artista. Ministradas

respectivamente pelas Prof^a. Dr^a Ines Linke, Prof^a. Dr^a Lia Krucken e Prof. Dr. Almir Brito. Minha percepção sobre o livro de artista mudou completamente, se abrindo às inúmeras possibilidades, antes a mim inimagináveis. Foi durante o ano de 2023 que o livro da pesquisa começou a tomar forma e conteúdo, alimentado pelos escritos e experiências vivenciados durante as caminhadas.

O livro tem inspiração nos diários de viagem e cadernos de artista, onde são utilizados diversos recursos visuais como desenho, fotografia, escrita, indo muito além do formato tradicional, buscando promover no leitor uma experiência estética.

Sempre me incomodou o alto valor de livros no Brasil. Inúmeros fatores poderiam ser citados como os altos impostos e o custo de produção, mas o fato é que isso acaba dificultando o acesso da população a esses conhecimentos e desestimulando o consumo desses bens. Quando falamos então de livros de arte, as cifras aumentam consideravelmente. Num país onde 60% da população não possui hábito de leitura e mais de 40% perdeu o interesse pela leitura com o passar dos anos, o resultado disso é que a cada três dias uma livraria fecha no Brasil, como aponta uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Livrarias em 2024.

Desde o início, o formato de uma publicação independente se mostrava o melhor para o livro, tendo em vista a complexidade de sua montagem, impressão e acabamento. Além dos altos custos mencionados anteriormente, há também a carência de gráficas especializadas nesse tipo de publicação em Salvador (BA). Diante disso, optou-se pela produção artesanal, explorando técnicas gráficas de impressão que possibilitassem sua execução e produção em casa. Essa discussão foi amadurecida em uma consultoria com a Prof.^a Dr^a Maya Gonçalves Fernandes, que possui grande conhecimento como diretora editorial e designer de livros de artista. Durante dois meses buscamos sanar questões técnicas, relacionadas a impressão e organização da estrutura do livro.

Outra valiosa contribuição a esse projeto foi a do Prof. Me. Evandro Sybíne, professor de Artes Gráficas da EBA/UFBA. Ele apresentou soluções técnicas para o design da capa do livro, como a utilização de uma prensa tipográfica para a impressão do título do livro em relevo seco sobre um papel

couro. A escolha desse papel adicionou um toque de sofisticação e durabilidade, remetendo à aparência de um livro antigo.

Um dos desafios apresentados foi pensar em como produzir um livro a baixo custo sem perder a qualidade de produção, numa tiragem inicial de 150 exemplares, tendo em vista um valor final ao consumidor entre R\$ 25,00 e R\$ 20,00. Para essa empreitada, inúmeros testes e protótipos foram desenvolvidos até que questões técnicas pudessem ser sanadas como: formato, número de páginas, papel e impressão.

O livro foi divido em quatro capítulos, de forma que sua estrutura seja semelhante a organização da dissertação, tendo os capítulos os mesmos nomes, a proposta é aprofundar a discussão iniciada no texto dissertativo com o uso de colagens digitais, desenvolvidas durante a pesquisa, baseadas em documentos obtidos no Arquivo Público e Biblioteca Municipal de Rio de Contas (BA), como cartas régias, fotos antigas e mapas. O designer foi pensado de uma forma que a divisão dos capítulos fossem como pontos em um mapa, onde o leitor é conduzido pelo percurso numa experiência estética e imersiva, na medida em que o leitor é estimulado a preencher “lacunas no livro” como uma espécie de jogo, baseado em jogos de passatempo³⁹.

Na capa do livro, composta por um papel que imita a textura e a cor do couro, foi utilizada uma prensa tipográfica para marcar um relevo seco da palavra 'memória' de forma invertida, similar ao “hot stamping⁴⁰”, só que sem a aplicação de folha metalizada. O efeito obtido se assemelhava a uma cicatriz. Ao virar a página, o leitor lia a palavra na ordem correta, um efeito que busca despertar reflexões sobre a forma como a história e a memória são construídas e escritas, e sobre como uma mesma memória pode representar apenas um fragmento da história — e vice-versa.

No primeiro capítulo, “Uma estrada” o título é inserido com o uso de um papel transparente que na página seguinte se destaca de uma colagem digital que forma um caça palavras onde estão “escondidas” palavras que norteiam a

³⁹ São atividades que buscam trazer entretenimento e ocupar o tempo livre como: caça-palavras, cruzadas, jogo da memória. Seu formato mais conhecido são o de revistas, comercializadas principalmente em bancas de jornal.

⁴⁰ É um processo de impressão e gravação com clichês quentes, onde se utiliza de uma lâmina de filme metálico, criando uma impressão com efeito metalizado e relevo.

pesquisa como: memória, colonização, violência, entre outras. Neste capítulo também são inseridas provocações a respeito da idolatria aos bandeirantes, representada na figura do Sebastião Raposo, além de menções sobre a violência e barbárie que envolveu o processo de colonização.

No segundo capítulo intitulado Sr. Brumado, o destaque é para um diálogo com o Rio Brumado, estabelecendo relações com o passado e o presente do rio que se encontra em processo de degradação.

O terceiro capítulo é dedicado ao encontro com a Srª Jatobá e das relações que podem ser estabelecidas entre tempo, memória e natureza, em reflexões sobre as experiências despertadas nesse encontro.

Já no último capítulo em um papel transparente o poema apresentado anteriormente no capítulo 2.2 Sr Brumado⁴¹, faz a introdução brincando com a ideia da impermanência da memória, que muitas vezes não é clara e que pode ser ocultada ou apagada a depender da circunstância e objetivo. Na sequência de páginas são apresentadas fotos de três obras da série “Observadores do tempo”, que também nomeia o capítulo.

Dito isso, o livro no seu formato final possui a seguintes especificações:

- **Formato e Materiais:** O livro possui formato A5 (14,8 x 21 cm) de bolso, contendo 48 páginas coloridas, interior em papel pólen 90 mg e capa em papel couro 120 mg com título em baixo relevo seco.
- **Conteúdo Visual:** O interior do livro é composto também por 6 páginas em papeis especiais em cor, textura e transparência.
- **Tiragem:** A tiragem proposta é de 150 exemplares.
- **Acabamento:** Composto de encadernação grampeada, relevo seco na capa e luva A4 (21 x 29,7 cm) de 75 mg em papel cor creme. A luva com a cartografia busca ampliar a experiência do leitor e conectar o livro à história da Estrada Real de forma tangível.
- **Impressão:** Miolo do livro em impressão “*inkjet*”⁴², que é ideal para pequenas e médias tiragens, oferecendo flexibilidade e agilidade.

⁴¹ Ver página 45

⁴² Tipo de impressão que se utiliza de cartuchos com jatos de tinta. Muito comum em impressoras domesticas e industriais.

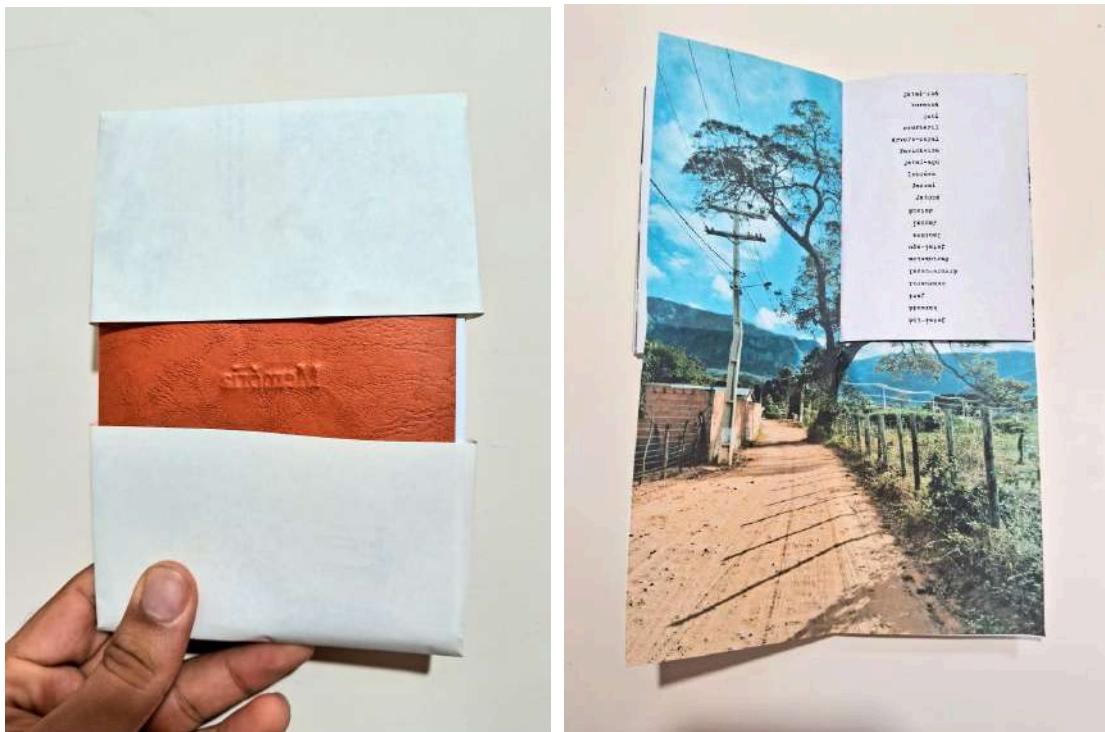
É muito interessante poder observar como o livro vai se desenvolvendo junto com a pesquisa ao longo desses dois anos. Como uma árvore que cresce, ou mesmo como uma obra artística que vai sendo desenvolvida, não seria o livro uma obra também? Sobre essa discussão a respeito da conceituação do livro de artista, o Prof. José Pedro Regatão (2020, p. 219) diz:

Quando pensamos no livro de artista enquanto obra de arte, estamos perante um objeto que se distingue pela profunda liberdade criativa que proporciona ao seu criador, pela ausência de regras e fórmulas convencionais, pela sua vocação interdisciplinar, forte sentido interativo e sentido provocador na sua afirmação plástica. (REGATÃO, 2020, p. 219)

Este livro de artista que uso como sinônimo “livro de memórias”, tem essa intenção experimental em seu processo, ao explorar técnicas e formatos diversos. O livro possibilita uma maior liberdade de criação que muitas vezes não é comportada no formato tradicional da dissertação em que as normas guiam a estrutura e formato, fatores que muitas vezes numa pesquisa em artes se torna um limitante da criação e expressão do autor, que encontra no livro de artista uma forma de transgredir os cânones acadêmicos no que se refere a estrutura, apresentação e formato de uma dissertação.

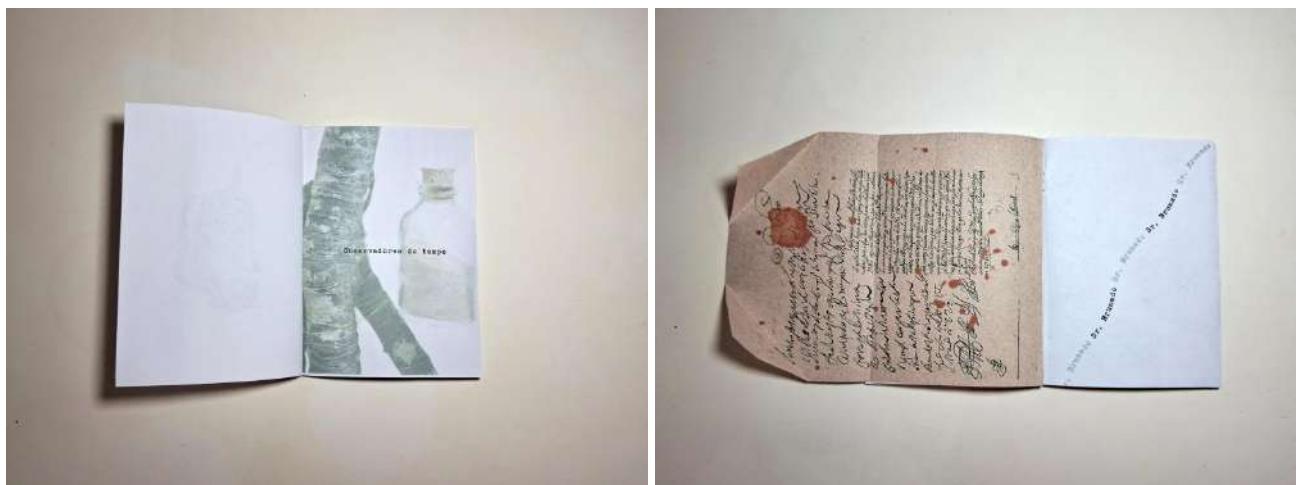
Dessa forma, este livro além de sua perspectiva transgressora, tem como objetivo ampliar os conceitos e discussões propostas na pesquisa. Com valor acessível e formato atrativo, busca-se alcançar um público diverso, para além da academia. Como forma de dinamizar o acesso, 40 cópias do livro serão doadas para 20 escolas públicas, associações e bibliotecas dos municípios de Livramento e Rio de Contas (BA).

Figura 65 - Fotos de vista frontal do livro e de página interior, 2023.



Fonte: Arquivo do autor

Figura 66 - Foto de páginas no interior do livro, 2023.



Fonte: Arquivo do autor

4. FIM DA ESTRADA?

É fácil apagar as pegadas; difícil, porém, é caminhar sem pisar o chão.

Lao-Tsé

A citação que abre este capítulo é atribuída ao antigo filósofo chinês Lao-Tsé, considerado um dos fundadores do Taoismo. Essa frase traz uma provocação importante sobre diversas questões levantadas nesta pesquisa a respeito da construção da história e da memória, especialmente ao se refletir que toda ação gera uma reação — conceito também presente na física, na terceira lei de Newton. Essa reação representa as consequências das ações humanas, os seus “vestígios” e a responsabilidade por elas, sobretudo ao analisarmos até que ponto chegou a barbárie e a violência praticadas no período colonial, movidas pela ganância exploratória que extermina povos e devasta territórios.

“É fácil apagar pegadas”, nos lembra o filósofo. Tentar esconder, negar ou simplesmente deixar de dizer e discutir contribui para esse apagamento. É preciso contar outras histórias! E isso já foi dito aqui. Mas, e quanto às memórias? Estas podem ser mascaradas ou manipuladas ao longo da história, mas seus vestígios permanecem nos nomes, nos costumes, nas estruturas sociais que excluem determinados grupos, na ausência e no risco de desaparecimento das comunidades tradicionais.

Narrar a própria história é uma forma de fortalecer a memória como propõe Walter Benjamin, pois quem narra busca colher em sua experiência própria ou em relatos a materialidade de sua narrativa. Essa ação novamente se transforma em experiência de quem ouve essa história.

Acredito que a pesquisa poética aqui desenvolvida, na sua forma escrita e visual, contribui para isso, para manter essas memórias “sempre-vivas”, como as flores da estrada. E que, como as cutias no plantio de sementes, seja uma forma de semear ideias, conceitos e discussões, que poderão germinar,

apontando novos caminhos para se pensar o presente e também fazer um alerta sobre o futuro.

Neste sentido, como artista visual, também me coloco como um “observador do tempo”, como na série escultórica, ao pensar: que rastros estamos deixando ao caminhar? Para caminhar, é preciso pisar no chão, porém a forma como se caminha pode ocorrer de várias maneiras. Que sociedade estamos buscando construir? Uma que aprende com seu passado e, com isso, busca discutir o presente, ou uma que procura apagar, silenciar ou negar fatos históricos? Essa sociedade busca valorizar seus povos e saberes tradicionais ou desconsidera esses conhecimentos?

Apesar de os vestígios retomarem questões passadas, são como pistas que nos mostram que os personagens mudam, mas a perspectiva exploratória sobre esse território e determinados grupos sociais se perpetua. Isso só acentua a necessidade de discutir essas ações e seu impacto na vida social e ambiental.

Sobre as artes visuais, é importante que ela continue a buscar novas formas de ver, sentir e fazer arte, especialmente ao pensarmos sua relação com a natureza original, como tão bem propuseram os integrantes do “Manifesto do Rio Negro do Naturalismo Integral”.

Dessa forma, a interação do artista/pesquisador jamais poderá ser parasitária ou exploratória em relação ao objeto/território. Deve ser “mutualista”, dialogando não apenas com as ciências tradicionais, mas também com outras formas de conhecimento presentes na natureza e nos saberes de povos e comunidades tradicionais.

Retomo aqui Agamben no sentido de pensar: o que é ser contemporâneo? Ser contemporâneo é aquele que mantém seu olhar no tempo presente, não para perceber apenas os êxitos, as “luzes”, mas também suas contradições, as “escuridões”. É aquele que, ao dividir e questionar o tempo, consegue transformá-lo e estabelecer, assim, relações com outros tempos históricos, interpretando-os sob outra perspectiva (AGAMBEN, 2021). Ser contemporâneo também exige coragem para questionar padrões, conceitos, narrativas, estruturas sociais e até a própria construção da história e da

memória. Tanto a arte quanto os artistas deveriam se engajar nesse processo, pois acredito que é isso que torna a arte contemporânea tão imprevisível e fascinante.

Acredito que esta pesquisa cumpriu seu ciclo, que se encerra para o início de um novo entre o pesquisador e seu objeto de estudo, despertando-me para novas relações e possibilidades sobre meu processo poético de criação artística. Esse processo se expandiu para multilinguagens artísticas, tendo sempre como fio condutor e provocador a memória.

Como toda caminhada, esta foi repleta de desafios e incertezas quanto aos caminhos, resultados e conclusões a serem perseguidos. Não foi fácil, e isso já era esperado. O tempo e os deslocamentos se mostraram um desafio, dada a distância entre Livramento e Salvador (BA). Nesse processo, além de construir obras visuais, foram construídas grandes amizades e experiências com várias pessoas que participaram diretamente das ações desenvolvidas na pesquisa. Sem falar nas pessoas que, ao ter contato com essa produção, se tornam fruidores desse processo, desenvolvendo novas experiências.

E, como todo bom caminhante, não vejo a hora de iniciar uma nova jornada por essas estradas, agora com uma perspectiva mais ampla no eixo estadual e nacional, ao atravessar outros territórios distintos dos aqui investigados, que poderão apresentar novas perspectivas para amadurecer e enriquecer ainda mais essa construção poética de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 1ª edição, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução de: Davi Pessoa Carneiro. Editora Autêntica 1 ed.; 2 reim. Belo Horizonte (MG), 2021.

BAGATOLI, Vera Maria. **O caminhar como poética**. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. 2009, Salvador-BA.

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. Editora Cortez, 1º edição, 2010.

BARRO, David. Um passo mais. **Viriatu**. Lisboa, Portugal, 6 mar. 2005. Disponível em: <<http://viriatu.blogspot.com/2005/03/um-passo-mais.html>>. Acesso em: 22 maio 2022.

BENJAMIN, Walter. **A Imagem de Proust**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

_____. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

_____. **Teses sobre o conceito da história**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 36-48.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.

COSTA, Antônio Gilberto. As minas na Cartografia Histórica do Brasil. In: CALAES, Dias Gilberto; FERREIRA, Ezequiel Gilson (Org.). **A Estrada Real e a transferência da Corte Portuguesa** – Programa Rumos. Rio de Janeiro: Editora CETEM, 2009. p. 07-19.

DOMINGUES JÚNIOR, Manoel; OLIVEIRA, Felipe; BESKOW, Gabriel. **Análise Forense Digital**. www.gta.ufrj.br, 2013. Disponível em: <https://www.gta.ufrj.br/grad/13_1/forense/index.html>. Acesso em: 23 maio 2022.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. Tradução de: Gilda de Aguino. Editora Brinque-Book, 1º edição, 2002.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KOPEMAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. Tradução de: Beatriz Perrone-Moisés. Companhia das Letras, 1^a ed. São Paulo (SP), 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2^a edição, 2020.

Matthias Willbold, Tim Elliott, Stephen Moorbat (em inglês). **A composição isotópica de tungstênio do manto da Terra antes do bombardeio terminal**. *Nature*, 2011; 477 (7363): 195 DOI: [10.1038/nature10399](https://doi.org/10.1038/nature10399)

MEDEIROS, Fabrício Dias. **Sim é nossa história!** Revista Desvio Ed. 12. Disponível em: <<https://revistadesvio.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2024/09/12a%20edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20Revista%20Desvio.pdf>>. Acesso em: 05 de jan. de 2025

NOGUEIRA, Bruna. **Município de Brumado se destaca pela produção de talco**. Revista mineração, 2017. Disponível em: <<https://revistamineracao.com.br/2017/10/31/brumado-capital-do-talco/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

PUNTOMI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: Povos indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002.

REGATÃO, J. P. **O Livro de Artista: potencialidades pedagógicas no ensino dodesenho. Estado da Arte**. Uberlândia, v. 1 n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaestadodaarte/article/view/57970>>. Acesso em: 7 nov. 2021.

REY, Sandra. **10 apontamentos sobre arte contemporânea e pesquisa**. PPGA, IdA – UNB, VIS Ano 7 nº I, 2008.

RIBEIRO, Adalberto de Figueiredo. **A Estrada Real, Caminhos da Bahia colonial: indicativos do potencial turístico** / Adalberto de Figueiredo Ribeiro, Antônio Raimundo Leone Espinheira, Níverton Costa Freitas. Salvador: CBPM, 2017.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução de: Maria do Carmo Zanini. Martins Fontes, São Paulo, 2016.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de criação: construção da obra de arte**. Editora Horizonte, 2006.

SANCHES, Nanci Patricia Lima. **Os livres pobres sem patrão nas Minas do Rio das Contas/Ba – Século XIX (1830-1870)**. Orientadora Profª. Drª. Lina Maria Brandão de Aras, 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10863>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. UbuEditora / PISEAGRAMA, São Paulo (SP), 2023.

SANTOS, R. M. **Livramento é de Nossa Senhora**. In: Edificações históricas. Livramento-BA, 1996, p. 55-59.

SANTOS, Raimundo Marinho. **História violentada**. Livramento-BA, 2022. Disponível em: <http://mandacarudaserra.com.br/noticias/2022/casarao_historia_violentada.html>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SAKAMOTO, Leonardo Moreti. **O quilombo resiste**. Repórter Brasil, 2000. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2000/09/o-quilombo-resiste/>>. Acesso em: 04 dez. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. Companhia das Letras, 2^a edição, São Paulo (SP), 2018.

SILVEIRA, P. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista** [online]. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 319 p.

TEIXEIRA, Francisco Lima Cruz. **Chapada, Lavras e Diamantes: percurso histórico de uma região sertaneja**. Solisluna Editora; 1^a edição, Salvador – BA, 2021.